

FACULDADES EST
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM TEOLOGIA

ISAIAS LOBÃO PEREIRA JÚNIOR

**NÃO FICARÁ PEDRA SOBRE PEDRA:
O DISCURSO DE JESUS NO MONTE DAS OLIVEIRAS,
CONFORME O EVANGELHO DE MARCOS**

São Leopoldo

2015

ISAIAS LOBÃO PEREIRA JÚNIOR

NÃO FICARÁ PEDRA SOBRE PEDRA:
O DISCURSO DE JESUS NO MONTE DAS OLIVEIRAS,
CONFORME O EVANGELHO DE MARCOS

Trabalho final de
Mestrado Profissional
Para a obtenção do grau de
Mestre em Teologia
Faculdades EST
Programa de Pós-Graduação em Teologia
Linha de Pesquisa: Leitura e Ensino da Bíblia

Orientador: Flávio Schmitt

São Leopoldo

2015

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

P436n Pereira Júnior, Isaias Lobão
Não ficará pedra sobre pedra: o discurso de Jesus no Monte das Oliveiras, conforme o Evangelho de Marcos / Isaias Lobão Pereira Júnior ; orientador Flávio Schmitt. – São Leopoldo : EST/PPG, 2015.
63 p. ; 30 cm

Dissertação (mestrado) – Faculdades EST. Programa de Pós-Graduação. Mestrado em Teologia. São Leopoldo, 2015.

1. Bíblia. Marcos 13 – Crítica, interpretação, etc. 2. Escatologia – Ensino bíblico. 3. Bíblia. Novo Testamento – História de eventos contemporâneos. 4. Judeus – História – 186 A.C.-135 D.C. 5. Literatura apocalíptica. I. Schmitt, Flávio. II. Título.

Ficha elaborada pela Biblioteca da EST

ISAIAS LOBÃO PEREIRA JÚNIOR

NÃO FICARÁ PEDRA SOBRE PEDRA:
O DISCURSO DE JESUS NO MONTE DAS OLIVEIRAS,
CONFORME O EVANGELHO DE MARCOS

Trabalho final de
Mestrado Profissional
Para a obtenção do grau de
Mestra em Teologia
Faculdades EST
Programa de Pós-Graduação em Teologia
Linha de Pesquisa: Leitura e Ensino da Bíblia

Data de Aprovação:

Prof. Dr. Flávio Schmitt – Doutor em Ciências da Religião – Universidade Metodista de SP

Prof. Ms. Verner Hoefelmann – Mestre em Teologia – EST

DEDICATÓRIA

À minha querida esposa Talita, que suportou com paciência os momentos que passei diante do computador e dos livros. Aos meus filhos, Ana Clara e Daniel, que suportaram minha ausência. Aos meus pais, Isaias (*in memoriam*) e Neiva, pelo constante apoio e dedicação. Aos meus irmãos, Rone, Marcelo e Rosana. Eles foram meus primeiros avaliadores.

AGRADECIMENTOS

Agradeço aos amigos do Seminário Teológico do Brasil (STEB), pelo apoio e sustento. Ao amigo Tiago Samuel que me incentivou a participar do processo seletivo do mestrado. Ao amigo Charles Grimm que me ajudou na revisão minuciosa dos textos e nos debates iniciais sobre o tema. Ao Anderson Cleiton que me deu um empurrão com suas dicas e apreciações acadêmicas. Ao meu amigo Felipe Sabino que traduziu e publicou diversas obras de escatologia por meio da sua Editora Monergismo, <<http://www.editoramonergismo.com.br/>> ampliando a perspectiva de muita gente, inclusive a minha. Ao pastor Jales Divino Barbosa, diretor da FATAD. Ele me concedeu a oportunidade de lecionar e nos meus primeiros passos no mestrado. Espero que este trabalho seja um incentivo para ele.

SALMO 2

Por que se enfurecem os gentios e os povos imaginam coisas vãs?

Os reis da terra se levantam, e os príncipes conspiram contra o SENHOR e contra o seu Ungido, dizendo: Rompamos os seus laços e sacudamos de nós as suas algemas.

Ri-se aquele que habita nos céus; o Senhor zomba deles. Na sua ira, a seu tempo, lhes há de falar e no seu furor os confundirá.

Eu, porém, constituí o meu Rei sobre o meu santo monte Sião. Proclamarei o decreto do SENHOR: Ele me disse: Tu és meu Filho, eu, hoje, te gerei. Pede-me, e eu te darei as nações por herança e as extremidades da terra por tua possessão. Com vara de ferro as regerás e as despedaçarás como um vaso de oleiro.

Agora, pois, ó reis, sede prudentes; deixai-vos advertir, juízes da terra.

Servi ao SENHOR com temor e alegrai-vos nele com tremor.

Beijai o Filho para que se não irrite, e não pereçais no caminho; porque dentro em pouco se lhe inflamará a ira.

Bem-aventurados todos os que nele se refugiam.

RESUMO

Esta pesquisa faz um mapeamento dos elementos do discurso de Jesus no capítulo 13 do Evangelho de Marcos buscando trazer contribuições para a análise escatológica. A pesquisa foi desenvolvida a partir da análise do discurso e do método histórico-gramatical. Pretende-se recolher as informações do contexto sócio econômico, político e religioso, e compreender o assunto da perícopé, quais destinatários bem como a classificação do discurso escatológico. O presente trabalho foi dividido em três partes. Na primeira parte, uma introdução geral ao método da análise do discurso e uma introdução ao capítulo treze do evangelho segundo Marcos. Um pequeno esboço historiográfico da ocupação romana na Palestina é alvo da segunda parte. Faz-se necessário, com o auxílio de hipóteses históricas, reconstruir as circunstâncias em que o discurso do Monte das Oliveiras se originou. Finalmente, na terceira parte, é apresentada a análise do discurso do Monte das Oliveiras a partir de diversos comentaristas e analisadas as principais escolas de interpretação. Espera-se, com os resultados obtidos nesta pesquisa exegética, a melhor compreensão do texto em questão e da mesma forma, proporcionar um horizonte de leitura a partir deste texto que favoreçam aos leitores uma clareza quanto aos temas escatológicos conforme apresentados no discurso registrado em Marcos 13. O presente estudo insere-se dentro da discussão maior da compreensão das correntes apocalípticas tanto do contexto primitivo do cristianismo quanto do atual, dedicando-se assim com profundidade ao registro selecionado para este campo especial.

Palavras-chave: Escatologia. Literatura Apocalíptica. Profetismo. Palestina. Império Romano. Igreja.

ABSTRACT

This research maps out the discourse elements of Jesus in chapter 13 of the Gospel of Mark seeking to bring contributions to the eschatological analysis. The research was developed based on discourse analysis and on the historical-grammatical method. One intends to gather together information on the social-economical, political and religious context and understand the subject of the pericope, who were the recipients as well as the classification of the eschatological discourse. This work was divided into three parts. In the first part, a general introduction to the method of discourse analysis and an introduction to chapter thirteen of the book of Mark is presented. A small historiographic summary of the Roman occupation in Palestine is the target of the second part. It is necessary to reconstruct the circumstances in which the discourse on the Mount of Olives took place with the help of historical hypothesis. Finally, in the third part, the analysis of the discourse of the Mount of Olives is presented based on various commentaries and analyses of the main schools of interpretation. One hopes that with the results obtained from this exegetical research, there will be a better comprehension of the text in question and, in the same way, that it may propitiate a horizon of reading from this text which will help the readers have more clarity as to the eschatological themes as presented in the discourse registered in Mark 13. This study is inserted in the larger discussion of the comprehension of the apocalyptic currents within the original context of Christianity as well as of current times, thus being dedicated in depth to the register selected for this special field.

Keywords: Eschatology. Apocalyptic Literature. Prophetism. Palestine. Roman Empire. Church.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	17
1 ANÁLISE DO DISCURSO E A LITERATURA APOCALÍPTICA	19
1.1 Principais etapas da análise do discurso.....	21
1.1.1 Características de organização dos discursos.....	21
1.1.2 Considerações finais	23
1.2 O discurso de Jesus no Monte das Oliveiras	23
1.2.1 Aspectos literários	26
1.2.2 Estrutura geral do evangelho de Marcos.....	28
1.2.3 Marcos 13: Um pequeno apocalipse?.....	30
1.3 Características da literatura apocalíptica	30
2 SITZ IM LEBEM DO DISCURSO MARCANO.....	35
2.1 Contexto do discurso marcano.....	35
2.1.1 Período Herodiano.....	36
2.1.2 Conflitos de sucessão do poder	36
2.1.2.1 Trono dividido na Judeia	37
2.1.2.2 O governo de Arquelau	37
2.1.2.3 O governo de Herodes Antipas.....	37
2.1.2.4 O governo de Filipe	37
2.2 Período de Herodes Agripa I	38
2.2.1 Herodes Agripa I e a Unificação Palestina	38
2.2.2 Herodes Agripa I: o favoritismo judaico e a hostilidade aos cristãos	38
2.2.3 Herodes Agripa II: lealdade à Roma e traição ao povo judeu	39
2.3 Revoluções judaicas e crescente hostilidade romana	39
2.3.1 A insurreição judaica	40
2.3.1.1 A tomada de Jerusalém e a expectativa messiânica	41
2.3.1.2 A reconquista romana	42
2.3.1.3 Massada: a derradeira resistência.....	42
2.3.1.4 A diáspora judaico-cristã.....	42
3 OLHARES DO MONTE DAS OLIVEIRAS AO TEMPLO.....	43
3.1 Os Discípulos e o Esplendor do Templo	44
3.2 Jesus e a queda das pedras do Templo	47
3.2.1 Jesus e o prenúncio do juízo e da libertação	48
3.2.2 Jesus e a perseguição da Igreja.....	49
3.2.3 A misteriosa abominação desoladora	50
3.3 O Triunfo do Filho do Homem	51
3.3.1 O Filho do Homem no Apocalipse de Daniel	51
3.3.2 Os usos do Apocalipse de Daniel no Novo Testamento.....	53
3.3.3 O Filho do Homem e o sensus metafórico-semítico	53
3.3.4 A vinda do Filho do Homem.....	54
3.3.5 A reunião do Filho do Homem com os escolhidos.....	55
3.3.6 Elementos parabólicos do discurso do Monte das Oliveiras: a Figueira	55
3.3.7 Elementos parabólicos do discurso do Monte das Oliveiras: a Casa	56
CONCLUSÃO.....	57
REFERÊNCIAS.....	59

INTRODUÇÃO

O trabalho proposto procura apresentar uma análise do discurso escatológico de Jesus, conforme registrado por Marcos. Contudo, qualquer abordagem que tente sintetizar um grande número de elementos em poucas palavras será forçosamente um tanto simplista. Corre-se, portanto, este o risco de distorcer o conteúdo por não considerar a sua natural complexidade no escopo no qual se delimita este estudo.

A configuração das coisas vindouras sempre se revestiu de profundo significado, tanto para crentes, quanto para incrédulos. É conhecida a atitude geral apocalíptica, no sentido de um fim dos tempos, tumultuado e cheios de enigmas insondáveis àqueles não iniciados nas artes de previsão e especulação do futuro. Os profetas da condenação vivem a lembrar-nos que as guerras, a atual explosão populacional, a poluição do meio ambiente e a exaustão dos suprimentos alimentares deste mundo indicam que o fim não pode estar longe.

E o pior é que essas vozes parecem ser levadas a sério. As livrarias estão abarrotadas de títulos que abordam o tema do fim e as questões relativas ao futuro. Muitos dos títulos dessas coloridas publicações cercam-se de um tom sensacionalista, arrancando boa reação dos leitores entusiasmados. Esses escritos sobre profecia talvez obtivessem ainda maior confiança da parte do público leitor se seus autores chegassem todos às mesmas conclusões. Mas se todos eles (pelos menos aqueles publicados pela corrente evangélica) afirmam alicerçar seus estudos sobre as Escrituras Sagradas, por outro lado discordam largamente quanto às suas descobertas, para consternação de muitos crentes devotos.

Uma das razões dessa discordância é que muitos acham difícil admitir que a Bíblia não nos provê informações suficientes para possibilitar que os seus leitores acompanhem o curso dos eventos futuros com detalhes precisos. Ou seja, ninguém tem a última palavra sobre o tema da escatologia. E talvez mais difícil de admitir seja o fato que nossa compreensão, daquilo que parece tão claramente afirmado nas Escrituras, é limitada e flexível. Todavia, isso não nos deveria levar a evitar temas escatológicos.

Por isso, faz-se necessário um estudo crítico da mensagem escatológica. O que se propõe neste projeto.

O texto de Marcos 13 será abordado exegeticamente utilizando o método histórico-gramatical, com as devidas avaliações do método histórico-crítico.

A dissertação recolherá as informações do contexto sócio econômico, político e religioso, e procurará compreender o assunto da perícopes, quais destinatários bem como a

classificação do discurso escatológico, passando pela análise textual, onde será analisado o gênero literário e sua estrutura, bem como a estrutura literária da própria perícopes, a retórica e estilística utilizada pelo autor até a semântica, onde descobriremos os significados das palavras que compõem o texto.

A partir daí o texto será analisado em seu contexto literário e sócio histórico, o que possibilitará estudar outros textos que também relatam sobre o mesmo assunto. O presente trabalho foi dividido em três partes.

Na primeira parte, uma introdução geral ao método da análise do discurso e uma introdução ao capítulo treze do evangelho segundo Marcos.

Um pequeno esboço historiográfico da ocupação romana na Palestina é alvo da segunda parte. Faz-se necessário, com o auxílio de hipóteses históricas, reconstruir as circunstâncias em que o discurso do monte das oliveiras se originou.

Finalmente, na terceira parte, é apresentada a análise do discurso do monte das oliveiras a partir de diversos comentaristas e analisadas as principais escolas de interpretação.

Espera-se, com os resultados obtidos nesta pesquisa exegética, a melhor compreensão do texto em questão e da mesma forma, proporcionar um horizonte de leitura a partir deste texto que favoreçam aos leitores uma clareza quanto aos temas escatológicos conforme apresentados no discurso registrado em Marcos 13.

1 ANÁLISE DO DISCURSO E A LITERATURA APOCALÍPTICA

A análise do discurso é um método que consiste na análise da estrutura de um texto e, a partir disto, compreender as construções ideológicas presentes ali contidas. É uma área de estudo dentro da macrolinguística. Tem se destacado como “método promissor para a interpretação bíblica”.¹

Ela se fundamenta na interdisciplinaridade em três domínios:

- 1) a linguística;
- 2) o marxismo e
- 3) a psicanálise.

Esta análise do discurso foi influenciada pelo estruturalismo de Ferdinand de Saussure (1857-1913) e Roman Jakobson (1896-1982), pelo materialismo histórico e a psicanálise de Jacques Lacan (1901-1981). No entanto, o fundamento não é construído na subserviência. Assim afirma Orlandi:²

A análise do discurso, trabalhando na confluência desses campos de conhecimento, irrompe em suas fronteiras e produz um novo recorte de disciplinas, constituindo um novo objeto que vai afetar essas formas de conhecimento em seu conjunto: este novo objeto é o discurso.

Louis Althusser (1918-1990), filósofo francês de origem argelina, foi um dos pensadores que mais influenciou a análise do discurso. Usando como base o estruturalismo e o marxismo, desenvolveu o conceito de aparelhos ideológicos.

Ele afirma que, para perpetuar a sua dominação, a classe dominante cria meios de reprodução das condições materiais, ideológicas e políticas de exploração. Daí o papel do estado que, por intermédio de seus aparelhos repressores (governo, administração, exército, polícia, tribunais, prisões) e aparelhos ideológicos (instituições como escola, igreja, família, direito, política, sindicato, cultura, informação) intervém seja pela repressão ou ideologia, a fim de submeter a classe dominada às relações e condições de exploração.³

Esses aparelhos ideológicos estruturam-se e agem através de seus discursos. O objetivo de Althusser era romper com a pretensão idealista de ciência, na qual seria

¹ KÖSTENBERGER, Andreas J.; PATTERSON, Richard D. *Convite à interpretação bíblica: a tríade hermenêutica*. São Paulo: Vida Nova, 2015. p. 553.

² ORLANDI, Eni P. *Análise do discurso: princípios & procedimentos*. Campinas: Pontes, 2001. p. 20.

³ ALTHUSSER, Louis. *Aparelhos ideológicos de Estado*. Rio de Janeiro: Graal, 1998. p. 90-100.

possível dominar o objeto de estudo aplicando um dado procedimento sem pressupostos iniciais, isto é, sem ideologias. Para ele, a linguagem era exatamente o lugar em que a ideologia se materializava.⁴

De acordo com Orlandi:

Os dizeres não são, como dissemos, apenas mensagens a serem decodificadas. São efeitos de sentidos que são produzidos em condições determinadas e que estão de alguma forma presentes no modo como se diz, deixando vestígios que o analista de discurso tem de apreender. São pistas que ele aprende a seguir para compreender os sentidos aí produzidos, pondo em relação o dizer com sua exterioridade, suas condições de produção. Esses sentidos têm a ver com o que é dito ali mas também em outros lugares, assim como com o que não é dito, e com o que poderia ser dito e não foi.⁵

Assim, podem-se resumir as principais características da análise do discurso:

- (1) Todo discurso é ideológico e para sua análise devem ser considerados os aspectos linguísticos e socioideológicos;
- (2) O sentido do discurso será apenas possível considerando-se o contexto histórico-social e o tipo de influência que tal exerce na linguagem. O sentido é sempre heterogêneo, embora seja demarcado pelas possibilidades de sentido que a formação ideológica lhe concede;
- (3) O contexto de produção e o de interpretação influenciará o discurso, tanto na sua elaboração como na compreensão;
- (4) O sujeito (produtor, receptor e intérprete) não é senhor de sua vontade; ou temos um sujeito que sofre coerções de uma formação ideológica e discursiva, ou temos um que é submetido à sua própria natureza inconsciente.⁶

Existem inúmeras vantagens em aplicar o método da análise do discurso aplicado aos textos bíblicos, pois auxilia na transferência do foco do trabalho do intérprete que divide o texto em unidades de acordo com seu ponto de vista para a análise cuidadosa do texto bíblico em si.

Uwe Wegner nos lembra de uma verdade simples, mas que por vezes é esquecida:

Quando nos comunicamos através da linguagem falada ou escrita, sempre utilizamos determinadas formas, mais ou menos fixas. Elas dependem, em grande parte, do momento e das situações em que são formuladas, da intenção com que são

⁴ BASÍLIO, Roberto. A linguística e a hermenêutica bíblica: diálogo e desafios para o intérprete do século 21. In: LOPES, Augustus Nicodemus. *A Bíblia e seus intérpretes*. São Paulo: Cultura Cristã, 2004. p. 264.

⁵ ORLANDI, 2001, p. 30.

⁶ BASÍLIO, 2004, p. 265.

expressas, mas também das pessoas para as quais são dirigidas. Esses fatores nos levam a escolher uma determinada forma de linguagem.⁷

1.1 Principais etapas da análise do discurso⁸

Primeiro é necessário examinar o texto para identificar as características de limites que o distinguem da unidade textual anterior e da posterior. Deve-se fazer distinção entre episódios, unidades, parágrafos, grupos proposicionais e proposições. As características de limites tratam de identificar o princípio e o fim de uma unidade textual.

Em segundo lugar, é importante destacar a coesão do texto. Diz respeito aos elementos que costuram o tecido de uma unidade textual e a constituem como um todo coerente. A coesão se efetua por vários recursos lexicais, temáticos ou sintáticos, que constituem o cimento que une o discurso.

A terceira característica principal dos discursos são as relações, isto é, as várias formas pelas quais afirmações ou proposições são associadas em um texto. As relações tratam da lógica do fluxo de pensamento de um texto bíblico. Eles podem indicar causa, finalidade, consequência ou outra relação subordinativa.

O quarto traço do discurso é a proeminência ou ênfase. Diz respeito ao fenômeno observável segundo o qual certos aspectos de determinado discurso sobressaem em relação aos outros, destacando um ponto, tema ou enredo.

O elemento final se chama situação, as circunstâncias da vida real, que é estudada por diversas disciplinas, entre elas a pragmática, a teoria dos atos de fala e a sociolinguística. Esse campo de estudo analisa aspectos não linguísticos do discurso, por exemplo, o ambiente social ou conhecimento compartilhado. Concentra-se no modo em que a expressão linguística faz parte do fenômeno maior de inserção do locutor ou escritor em determinada cultura, o que tem implicações históricas, sociais e culturais importantes.

1.1.1 Características de organização dos discursos

As características do discurso tendem a permanecer estáveis em trechos razoavelmente longos, e frequentemente por um discurso inteiro em oposição a características que tendem a sofrer contínuas modificações durante o discurso. São essas características estáveis que nos permitem falar em tipos de texto.

⁷ WEGNER, Uwe. *Exegese do Novo Testamento: manual de metodologia*. São Leopoldo: Sinodal, 2012. p. 203.

⁸ KÖSTENBERGER; PATTERSON, 2015, p. 554-560.

As dimensões nas quais os discursos, como um todo, tipicamente se diferenciam, incluem:

- As formas de produção: número de falantes que produzem o discurso;
- O tipo de conteúdo: gênero do texto;
- O modo de produção: estilo e registro;
- O canal de produção: oral *versus* escrito.⁹

Para fazer à crítica do gênero de um texto, é preciso examinar sua forma, levando-se em conta os seguintes aspectos: estrutura ou configuração, conteúdo narrativo, estilo e vocabulário. Em seguida, é preciso localizar, no autor do texto em foco ou em outros autores, textos que apresentem formas semelhantes. A crítica do gênero literário permite verificar se o texto estudado apresenta traços suficientemente definidos que autorizem sua classificação em uma rubrica particular.

O objeto de análise é o texto em sua forma final. A ênfase recai sobre a unidade do texto como um todo. Leva-se em conta toda a narrativa, e não apenas um ou dois parágrafos.

Nesse sentido, o método da análise de uma unidade literária tem duplo objetivo:

- 1) Identificar a *forma* em vista de sua classificação específica, ou seja, que permita determinar seu *gênero* como escrito;
- 2) Identificar o ambiente vital, ou contexto, posto que a criação de um gênero literário responde a uma situação ou a uma necessidade existencial particular; assim entendido, o mesmo gênero literário pode reaparecer aplicado em épocas diferentes, mas em situações análogas.

É digno de nota o destaque de Dooley e Levinsohn: “cada tipo de texto tem seus propósitos sociais ou culturais”. E mais adiante eles afirmam: “os tipos de texto que possuem combinações reconhecíveis de propriedades textuais em torno de um certo propósito cultural são chamados de gêneros de texto”.¹⁰

⁹ DOOLEY, Robert A.; LEVISOHN, Stephen H. *Análise do discurso: conceitos básicos em linguística*. Petrópolis: Vozes, 2003. p. 13-14.

¹⁰ DOOLEY; LEVISOHN, 2003, p. 19.

1.1.2 Considerações finais

A erudição bíblica do século XXI compartilha do atual interesse nas abordagens literárias. Uma mudança de paradigma ocorreu, na qual as preocupações teológicas e históricas da erudição bíblica tradicional deram lugar a métodos literários de análise. Esta é a metodologia predominante em muitas universidades ao redor do mundo, inclusive no Brasil. O interesse atual nas abordagens literárias da Bíblia é um desafio a teólogos e exegetas evangélicos comprometidos com a mensagem perene da Escritura.

1.2 O discurso de Jesus no Monte das Oliveiras

Foi escolhido, como foco documental desta pesquisa, o texto de Marcos 13.1-37, conhecido como o discurso de Jesus no Monte das Oliveiras. Trata-se de um texto particularmente difícil. Primeiro, por tratar simultaneamente de assuntos diferentes. Segundo, pela dificuldade textual quanto à relação entre a literatura apocalíptica judaica e o texto canônico do evangelho. Terceiro, pelas decisões críticas concernentes ao caráter e função deste material, seu arranjo estrutural e sua autenticidade essencial. William L. Lane afirma: “As questões suscitadas pela forma e conteúdo do capítulo e pela sua relação com o evangelho como um todo são complexas e difíceis e ocasionaram uma extensa literatura”.¹¹

Esse discurso está registrado nos três evangelhos sinóticos (Mateus 24.1-44; Marcos 13.1-37 e Lucas 21.5-36). O discurso no Monte das Oliveiras é a maior seção de ensinamento registrada no Evangelho segundo Marcos. Inicia com um diálogo (versos 1-4) e termina com um longo monólogo (versos 5-37). Marcos usa o discurso como uma ponte entre a controvérsia de Jesus com os líderes de Israel e a consequente crucificação.

Os registros desse sermão são resultado do trabalho editorial dos evangelistas elaborado com base nas tradições disponíveis. Pode-se atestar isto pelo fato que Marcos 13.9b-12 não é reproduzido em Mateus 24, mas é encontrado em Mateus 10.17-21, no discurso missionário dirigido aos doze apóstolos. O dito proferido por Jesus em Mateus 24.26-28 parece ser muito semelhante ao material proveniente do hipotético documento *Q*¹², aparecendo também em Lucas 17.23-24.¹³

Os comentaristas se dividem em quais versos Jesus está tratando da *parousia* e em quais está se referindo à destruição do templo de Jerusalém.

¹¹ LANE, William L. *The gospel according to Mark*. Grand Rapids: Eerdmans, 1974. p. 444.

¹² Essa hipótese está exposta de forma bastante clara em: MANSON, T. W. *O ensino de Jesus*. São Paulo: Aste, 1965, p. 41-61.

¹³ LADD, George Eldon. *Teologia do Novo Testamento*. São Paulo: Hagnos, 2003. p. 261.

Albert Schweitzer sustentou que Jesus falava aqui acerca de sua *parousia*, e estava dessa forma predizendo um retorno dentro do tempo de vida de alguns de seus ouvintes. Para explicar sua posição, Schweitzer cunhou a expressão “escatologia consistente”. Para ele, Jesus acreditava que o reino seria inaugurado por um ato catastrófico de Deus, contudo isso não se realizou.

Segundo Schweitzer, Jesus passou por uma série de crises. Esperava a vinda maravilhosa do reino em diferentes momentos de seu ministério. Jesus teve de enfrentar o adiamento de suas expectativas. Para Schweitzer, a escatologia de Jesus não se concretizou. Isso levou ao conceito de Schweitzer de “adiamento da *parousia*”.¹⁴

Outros intérpretes sugerem que Jesus esteja se referindo à sua ressurreição, juntamente com o derramamento do Espírito subsequente; alguns dos que sustentam esta posição a relacionam especialmente com Romanos 1.4: “designado Filho de Deus com poder, segundo o Espírito de santidade, pela ressurreição dos mortos”. Uma posição similar a esta é a de N.B. Stonehouse sustenta de que Jesus estava se referindo, ao estabelecer sua Igreja, à sua atividade sobrenatural como Senhor ressurreto. Há os que interpretam as palavras de Jesus como uma menção a manifestações do Reino de Deus tais como o Pentecostes, o julgamento sobre Jerusalém ou o avanço poderoso do Evangelho no mundo pagão. E há eruditos que vêm o texto como indicando a destruição de Jerusalém e a subsequente expulsão dos judeus da Palestina, preparando, desta forma, o caminho para a formação do novo Israel, que consiste de judeus e gentios.¹⁵

Por sua vez, William Hendricksen defende o uso profético-tipológico no discurso de Jesus.¹⁶ Ele entende que Jesus está falando da destruição de Jerusalém e isto representa o juízo vindouro de Deus sobre o mundo. Ele entende que Jesus está respondendo duas questões propostas pelos discípulos: A primeira sobre a destruição do templo e da cidade santa e a segunda sobre a *parousia*.

Segundo o professor Anthony Hoekema, o método de ensino aqui utilizado por Jesus é o da condensação profética, no qual os eventos colocados em um tempo distante e eventos do futuro próximos são mencionados como se estivessem bem juntos um do outro.¹⁷ Para ele, no Sermão Profético, portanto, Jesus está anunciando eventos do futuro distante em conexão

¹⁴ SCHWEITZER, Albert. *A busca do Jesus Histórico*. São Paulo: Fonte Editorial, 2005. p. 330-397.

¹⁵ HOEKEMA, Anthony. *A Bíblia e o futuro*. São Paulo: Cultura Cristã, 2003. p. 128.

¹⁶ HENDRICKSEN, William. *Comentário do Novo Testamento: Marcos*. São Paulo: Cultura Cristã, 2003. p. 32.

¹⁷ HOEKEMA, 2003, p. 129-130.

estreita com eventos do futuro próximo. Lenski, semelhantemente, afirma que “os tempos aqui implícitos continuam desde a destruição de Jerusalém até o tempo da *parousia*”.¹⁸

Outra abordagem, que é bastante popular no meio evangélico, é método hermenêutico conhecido como dispensacionalismo. O dispensacionalismo é o sistema escatológico dos movimentos fundamentalista e pentecostal. Trata-se de um sistema interpretativo que divide a história em diferentes “dispensações” ou formas distintas e estanques de gerenciamento pactual. Em cada uma delas, Deus tem uma relação pactual diferente com os seres humanos e sempre termina com a falha deles em cumprir os requerimentos de Deus.¹⁹

Este sistema é construído sobre três pilares básicos:

- (1) Uma interpretação estritamente literal das Escrituras;
- (2) A distinção rígida entre Israel e Igreja, concluindo que o plano de Deus para com Israel é puramente terreno e para com a Igreja, celestial;
- (3) A Igreja é um parêntese imprevisto no programa judaico profetizado no AT.

Segundo esta posição, a presente era da Igreja continuará até que, com proximidade do fim, venha sobre a Terra um período de grande tribulação e sofrimento. Depois deste período de tribulação no final da era da Igreja, Cristo voltará para Terra para estabelecer seu reino milenar.

Seus proponentes defendem que Jesus Cristo voltará não só antes do milênio (a volta de Cristo é pré-milenar), mas também ocorrerá antes da grande tribulação (a volta de Cristo é pré-tribulacional). E ainda acrescentam outra volta de Cristo antes de sua vinda para reinar sobre a terra no milênio. Essa volta é vista como um retorno secreto de Cristo para tirar os crentes do mundo (arrebamento).

Portanto, no cerne do dispensacionalismo está a distinção entre Igreja e Israel nos planos de Deus. Afirma C. I. Scofield “nas predições concernentes ao futuro de Israel e da Igreja, a distinção é ainda mais surpreendente. A Igreja será arrebatada inteiramente da Terra, mas Israel, restaurado, deve ainda ter maior esplendor e poder terreno”.²⁰

¹⁸ LENSKI, R.C.H. *The interpretation of st. Mark's gospel*. Wartburg Press: Columbus, 1946. p. 642.

¹⁹ HANKO, Ronald. *Doctrine according to godliness*. Reformed Publishing Association: Jenison, 2012. p. 299-300.

²⁰ SCOFIELD, C. I. *Manejando bem a palavra da verdade*. São Paulo: Batista Regular, 1959. p. 13.

Por isso, os dispensacionalistas acreditam que o estado judaico moderno faz parte do Reino messiânico de Jesus Cristo e é o precursor profético da conversão maciça do povo judeu. Outra afirmação popular do sistema é que o sacerdócio e o sistema sacrificial do Antigo Testamento serão restabelecidos por Cristo.

1.2.1 Aspectos literários

Os evangelhos são geralmente classificados como literatura narrativa porque fazem o relato da história de Jesus. Eles não podem ser classificados como uma biografia. Os Evangelhos são as boas novas da salvação, de como Deus cumpriu sua promessa do Messias Salvador ao seu povo. Eles contam a história de como Cristo nasceu, viveu, morreu e ressuscitou, e finalmente foi assunto ao céu, e registram a revelação que ele deixou a nós através de seus ensinamentos e sinais.

Nenhum livro antes dos quatro evangelhos canônicos recebeu esta designação.²¹ Somente muito tempo depois é que surgiram os chamados “evangelhos apócrifos”, que não foram aceitos pela igreja cristã, por não serem reconhecidos como inspirados e confiáveis.

A erudição conservadora, que utiliza o método histórico-gramatical, compreende que os evangelistas escolheram criteriosamente seu material narrativo e organizaram da forma que melhor comunicasse o conteúdo da mensagem de Cristo. As narrativas são historicamente precisas, embora também se reconheça que tenham uma dimensão literária e estética que contribui para um propósito teológico geral.

O escritor do evangelho segundo Marcos não se identifica. Como em todos os evangelhos canônicos, o texto é anônimo. O título mais curto *κατὰ Μάρκον* é encontrado no *Códice do Vaticano* (B) e no *Códice Sinaitico* (S), ambos datados no século IV. Com o tempo, o título se tornou mais elaborado. No quinto século é fácil encontrar manuscritos com o título *εὐαγγέλιον κατὰ Μάρκον* (A D W) e muito tempo depois, a frase encontrada é *τὸ κατὰ Μάρκον ἅγιον εὐαγγέλιον* (209). Carson acredita que os títulos foram, inicialmente, acrescentados quando os evangelhos começaram a circular juntos e houve a necessidade de distinguir a versão de Marcos dos demais evangelhos.²²

²¹ A este respeito ver a importante contribuição de BLOMBERG, Craig. *Jesus e os Evangelhos*. São Paulo: Vida Nova, 2009. Especialmente o capítulo quatro onde o autor trata da crítica histórica dos evangelhos.

²² CARSON, D. A.; MOO, Douglas J.; MORRIS, Leon. *Introdução ao Novo Testamento*. São Paulo: Vida Nova, 2001. p. 103-104.

Pode-se concluir que, estes títulos embora não pertençam a forma original do Evangelho, foram acrescentados por causa do cuidado de copistas cristãos num período posterior.

Os antigos pais da igreja relacionam o jovem João Marcos como autor do evangelho. A tradição é provavelmente oriunda do bispo de Hierápolis, Papias (70-170 d.C), que reconhece atrás da narrativa de Marcos a pregação e autoridade do apóstolo Pedro. Esta afirmação de Papias é conservada por Eusébio da seguinte maneira:

Por outro lado, cremos necessário acrescentar, ao que já dissemos sobre Papias, a tradição que expõe a respeito de Marcos, que escreveu o Evangelho, dizendo assim: “O presbítero dizia também o seguinte: Marcos, que foi o intérprete de Pedro, escreveu fielmente, embora desordenadamente, tudo o que recordava sobre as palavras e as ações do Senhor. De fato, ele não tinha ouvido o Senhor, nem o havia seguido. Mais tarde, como já disse, ele seguiu a Pedro, que lhe dava instruções conforme as necessidades, mas não como quem compõe um relato ordenado das sentenças do Senhor. Assim, Marcos em nada errou, escrevendo algumas daquelas coisas da forma como as recordava. Com efeito, sua preocupação era uma só: não omitir nada do que tinha ouvido, nem falsificar nada do que transmitia.” Esse é o relato de Papias a respeito de Marcos.²³

Testemunhos posteriores de Tertuliano, Justino Mártir, Clemente de Alexandria, Irineu, Orígenes, Jerônimo e o Cânon Muratoriano confirmam a tradição de Papias.

O testemunho bíblico pode ser alistado da seguinte forma: A mãe de João Marcos recebia uma igreja em sua casa (Atos 12.12), Marcos viajou com Paulo e Barnabé numa viagem missionária (Atos 12.25, 15.37 e 39). Ele é citado nas epístolas paulinas de Colossenses 4.10, 2 Timóteo 4.11 e Filemom 24. E para reforçar a tradição do serviço junto a Pedro, Marcos é citado em 1 Pedro 5.13.

No entanto, a moderna crítica bíblica levanta dúvidas sobre a versão tradicional. Werner G. Kümmel, por exemplo, afirmou que

Papias é a única testemunha independente, pois os demais relatos a respeito de Marcos, como as ‘Memórias de Pedro’ e das circunstâncias que teriam levado Marcos a escrever a pregação de Pedro, dependem todos de Papias, não tendo pois o menor valor como testemunha independente.²⁴

Mais adiante, Kümmel declara que Papias inventou o relacionamento entre Marcos e o apóstolo Pedro, para defender a origem do evangelho.²⁵

Contudo, Carson rejeita a tese de Kümmel, pois “não parece que Papias esteja defendendo a autoria de Marcos, ou o seu relacionamento com Pedro, mas apenas a

²³ *Padres Apostólicos*. São Paulo: Paulus, 1995. p. 331.

²⁴ KÜMMEL, Werner G., *Introdução ao Novo Testamento*. São Paulo: Paulus, 2005. p. 113.

²⁵ KÜMMEL, 2005, p. 111.

fidegnidade do evangelho em face da acusação de que lhe faltava ‘ordem’”.²⁶ Mais adiante Carson diz: “isso é surpreendente, pois a tendência na igreja primitiva era associar apóstolos à redação dos livros do Novo Testamento”.²⁷

Martin Hegel também não rejeita o testemunho patrístico. Para ele a tradição da igreja é mais plausível do que a crítica moderna. Segundo ele, “de fato não é impossível considerar Clemente e Irineu como corretos, se Marcos começou seu Evangelho antes e o terminou depois da morte de Pedro; uma sugestão que merece mais consideração do que geralmente recebe”.²⁸ Vincent Taylor declara: “Não pode haver dúvida de que o autor do Evangelho era Marcos, o atendente de Pedro”.²⁹

Daniel J. Harrington sugere que o evangelho foi escrito em Roma. O livro foi composto nos anos 60, já que a comunidade cristã vivia sob a ameaça (ou a realidade) da perseguição e via a incipiente revolta na Palestina como fontes de dificuldades para os cristãos em Roma.³⁰

Ched Myers, embora atribuindo a produção do evangelho na Palestina, corrobora com a posição de Harrington. Para ele, “a data da destruição romana do templo de Jerusalém tem muito a ver com a maneira como se interpreta a polêmica de Marcos com o templo”.³¹

Os que atribuem ao evangelho data posterior a 70 d.C. tipicamente argumentam que Marcos simplesmente tentava justificar a separação teológica da comunidade cristã com o culto judaico [...]. Em contraposição, penso que uma data anterior a 70 e durante a revolta (portanto, depois de 66) é essencial à coerência da ideologia política e econômica da narrativa de Marcos. A forte crítica que Marcos lança ao estado do templo e à sua economia política teria sido evidentemente supérflua se o templo já houvesse sido destruído.³²

1.2.2 Estrutura geral do evangelho de Marcos

A narrativa de Marcos apresenta o ministério de Jesus seguindo uma sequência geográfica: depois do batismo vem o ministério na Galileia, depois a retirada para o norte, tendo como ponto de transição a confissão de Pedro, depois o ministério na Judéia e Pereia a caminho de Jerusalém e o ministério final em Jerusalém, que resultou na sua morte. Apresenta um número maior de narrativas (tanto de fatos como de ensinamentos), mas geralmente de caráter

²⁶ CARSON, 2001, p. 103-104.

²⁷ CARSON, 2001, p. 104.

²⁸ HENGEL, Martin. *Studies in gospel of Mark*. London: SCM, 1985. p. 28-30.

²⁹ TAYLOR, Vicent. *The gospel according to St. Mark: The greek text with introduction, notes and indexes*. Grand Rapids: Baker, 1981. p. 26.

³⁰ BROWN, Raymond et.al. *Comentário bíblico São Jerônimo: Novo Testamento e artigos sistemáticos*. São Paulo: Academia Cristã e Paulus, 2011. p. 66.

³¹ MYERS, Ched. *O Evangelho de São Marcos*. São Paulo: Paulinas, 1992. p. 68.

³² MYERS, 1992, p. 68.

breve, que frequentemente culminam com uma declaração marcante de Jesus. Incluem mais ação e menos reflexão.

- I. Introdução: O início do evangelho (1.1-13)
- II. O ministério de Cristo (1.14-8.30)
 - A. A autoridade de Jesus e a cegueira dos fariseus (1.14-3.6)
 - 1. Introdução (1.14-20)
 - 2. Milagres de cura (1.21-45)
 - 3. Narrativas de controvérsias (2.1-3.6)
 - B. As parábolas e os sinais de Jesus, e a cegueira do mundo (3.7-6.6a)
 - 1. Discipulado e oposição (3.7-35)
 - 2. Parábolas (4.1-34)
 - 3. Mais milagres dramáticos (4.35-6.6a)
 - C. O ministério de Jesus aos gentios e a cegueira dos discípulos (6.6b-8.30)
 - 1. Mais missão, oposição e milagres (6.6b-56)
 - 2. Puro e impuro: a retirada de Israel (7.1-8.21)
 - 3. Visão física e espiritual (8.22-30)
- III. A paixão de Cristo (8.31-16.8)
 - A. Predições da morte e significado do discipulado (8.31-10.52)
 - 1. Cruz e ressurreição pressagiadas (8.31-10.52)
 - 2. Sobre a verdadeira mordomia (9.30-50)
 - 3. Ministério na Judéia à luz da cruz (10.1-52)
 - B. Jesus e o templo (11.1-13.37)
 - 1. Entrada e julgamento (11.1-25)³³
 - 2. Ensino e debate (11.27-12.44)
 - 3. Discurso no monte das oliveiras (13.1-37)

³³ O versículo 26 não aparece nos manuscritos mais antigos e confiáveis. Na Edição Revista e Atualizada de Almeida, publicada pela SBB, ele aparece entre colchetes.

C. O clímax da vida de Jesus (14.1-16.8)

1. Preparação para o sofrimento (14.1-72)
2. Crucificação (15.1-47)
3. Ressurreição (16.1-8).³⁴

1.2.3 Marcos 13: um pequeno apocalipse?

A designação de Marcos 13 de “pequeno apocalipse” teve origem com Timothée Colani³⁵, que foi professor de teologia em Estrasburgo e Wilhelm Weiffenbach³⁶, professor do Seminário Teológico de Friedberg na Alemanha.

Segundo essa hipótese, o discurso do Monte das Oliveiras não é um registro digno de crédito das palavras de Jesus, mas sim um apocalipse abreviado que reflete as ideias messiânicas judaicas que Marcos incorporou em seu evangelho.

As conclusões de Colani derivam de sua tentativa de determinar os ditos autênticos de Jesus. O dilema era: se Jesus profetizou o fim do mundo em Marcos 13, então ele estava errado; mas se nós assumimos que Jesus não pode errar, tais profecias não são dele.

No século XX, os principais proponentes desta hipótese foram Rudolph Bultmann³⁷, Normann Perrin³⁸ e Vicent Taylor.

Vicent Taylor assim argumenta,

Sugere-se que, antecipando os horrores do cerco de Jerusalém, alguns cristãos desconhecidos prepararam um pequeno folheto de profecias judaicas ou judaico-cristãs para dar encorajamento e esperança aos cristãos de sua época e, desde então, o incorporaram aos pronunciamentos escatológicos de Jesus.³⁹

1.3 Características da literatura apocalíptica

No entanto, ficam as questões: Como classificar um texto como apocalíptico? Marcos 13 é realmente um “pequeno apocalipse”?

³⁴ BLOMBERG, Craig L. *Jesus e os Evangelhos: uma introdução ao estudo dos 4 evangelhos*. São Paulo: Vida Nova, 2009. p. 153-154.

³⁵ COLANI, Timothée. *Jésus Christ et les croyances messianiques de son temps*. Strasbourg: Treuttel & Wurtz, 1864.

³⁶ WEIFFENBACH, Wilhelm. *Der wiederkunftsgedanken Jesu: nach den synoptikern kritisch untersucht und dargestellt*. Leipzig: Breitkopf and Hüertel, 1873.

³⁷ BULTMANN, Rudolph. *History of Synoptic Tradition*. Oxford: Blackwell, 1968.

³⁸ PERRIN, Norman. *Rediscovering the teaching of Jesus*. New York: Harper & Row, 1967.

³⁹ TAYLOR, 1981, p. 498.

pois os temas e ,É difícil alistar os conteúdos próprios de uma obra apocalíptica por ,motivos característicos destes livros se encontram em livros que não são apocalípticos e laramente apocalípticosexistem escritos c ,outro ladonos quaisnão se encontram todas as .características comuns a tal gênero literário

O número de livros apocalípticos do período intertestamentário chegou provavelmente a dezenas, se bem que muitos deles se perderam e temos somente menção ou citação de trechos deles em outras obras. Entre os exemplos representativos estão 1 e 2 Enoque, 2 e 3 Baruque e o 4 Esdras..foi tomado do Apocalipse de João *apocalíptica* O nome

John J. Colins propõe a definição clássica de literatura apocalíptica como gênero de literatura de revelação com estrutura narrativa. A revelação ao recipiente humano é intermediada porum agente de outro mundo , que descortina uma realidade ao mesmo tempo temporal, uma vez que retrata uma salvação escatológica, e espacial, visto que envolve outro mundo que é sobrenatural.⁴⁰

;mas que se referem a ele ,O objeto da revelação são realidades inacessíveis ao homem humana ou ,a escatologia individual ou coletiva ,principalmente ,são verdades que se referem .o outro mundo que afetam este e ,cós mica

Portanto,para nossa def i temos ,niçãodecombinar forma literária e conteúdo , levando em contaas características dosquatro pontos seguintes:

.1 *L* simbolismo ,predomínio de cifras e listas ,longos discursos ,repetitiva :*inguagem* numérico e animal (aves e bestas e dragões);

.2*E* :*struturais*Pseudonímia, ou seja, acinú a –não se menciona o autor da obra exceção é o Apocalipse canônico.

O discurso ,ou (Enoque ,Lameque ,Noé)é feito por um personagem da antiguidade ,o herói é transportado ao céu ;(Esdras ,Daniel ,Baruque) ,do tempo do exílio ,pelo menos o intérprete geralmente se ;que serão explicados depois ,onde são mostrados a ele os mistérios o ;os anjos são peças básicas na mecânica de muitos apocalipses ;encontra com um anjo .etc ,cai com o rosto em terra ,perturbado com as revelações que recebe visionário se vê

O nível de conflito do apocalipse é cósmico. As personagens passam facilmente do céu para a terra, e vice-versa (e vão, por vezes, ao inferno), e penetram o reino em que os anjos combatem entre si e onde imensos exércitos terrenos são esmagados pela força divina. Há aqui uma ironia: toda essa tremenda atividade cósmica ocorrem em resposta ao destino de um povo minoritário (sejam judeus, sejam os primeiros cristãos) que vivia numa parte não muito notável da terra. Esse povo sofredor também é, com efeito, o público ao qual é dirigido o pronunciamento do

⁴⁰ COLINS, J. J. *The Jewish Apocalypses in apocalypse: the morfology of a genre* (Semeia) 14. 1979. p. 21-59.

autor de um apocalipse; e é em seu favor, diz ele, que o poder de Deus será empregado, levando a época presente a um fim estando esse povo submetido pelas forças hostis a pressões que chegavam ao limite de sua resistência.⁴¹

,no meio do texto aparece um hiato narrativo :narrativo *Conteúdo* .Sem quelongas Geralmente com .sequências históricas são desdobradas diante do leitorferas ,em luta montanhas ,ventos ,Existem descrições de céus .ue simbolizam as batalhas humanasq .exóticas e a *Árvore da Vida*

que concernem *Doutrinas* .4à ,ressurreição à e (*aion*) proximidade da nova era à grande crise que virá sobre aHistória.do mundo

Além destas características, Klaus Koch escolheu oito núcleos de motivos literários que podem ser encontrados nos apocalipses:

- (1) expectativa urgente do fim das condições terrenas em um futuro imediato;
- (2) o final como uma catástrofe cósmica;
- (3) periodização e determinismo;
- (4) atividade de anjos e demônios;
- (5) nova salvação, de caráter paradisíaco;
- (6) manifestação do reino de Deus;
- (7) um mediador com funções reais;
- (8) Na nova era, as condições do homem e do mundo são gloriosas.⁴²

Sem dúvida, existem semelhanças entre o discurso do Monte das Oliveiras e a linguagem apocalíptica tradicional. A descrição da catástrofe final, os “ais” proféticos, as fomes e guerras e “o abominável da desolação” (Mc 13.14). No entanto, existem enormes diferenças. A principal delas é que Marcos 13 consiste em uma *parênese* (exortação).

O gênero da *parênese* ou como é comumente chamado “discurso de despedida”, é caracterizado pela exortação ética dada por um líder de uma comunidade ou patriarca de uma família em face de uma partida iminente ou até mesmo a morte.⁴³

Esta observação indica que a função primária do capítulo 13 não é um discurso de informações esotéricas, mas promover a fé e a obediência no tempo de aflição e convulsão

⁴¹ GABEL, John B. & WHEELER, Charles B. *A Bíblia como literatura*. São Paulo: Loyola, 1993. p. 123.

⁴² KOCH, Klaus. *The Rediscovery of Apocalyptic*. London: SCM Press, 1972. p. 28-33.

⁴³ HATINA, Thomas R. *The focus of Mark 13:24-27: the parousia or the destruction of the Temple?* Bulletin for Biblical Research 6, 1996. p. 47.

social. Com uma profunda preocupação pastoral, Jesus prepara seus discípulos e a Igreja para um futuro período de perseguição.⁴⁴

Analisando a escatologia e a apocalíptica nos evangelhos, Rudolf Pesch afirma:

A pregação de Jesus sobre o reino de Deus era um anúncio da proximidade da salvação por vir, do absoluto futuro salvífico de Deus. A “espera do fim próximo” da parte de Jesus não se orientava pela configuração apocalíptica, isto é, pelo “como” meditativo-descritivo do futuro da salvação, mas se concentrava, como expressão do surpreendente oferecimento da salvação de Deus, no seu significado existencial para o homem: o homem deve engajar-se já, agora, ao futuro salvífico, que está “próximo”, deve aderir logo ao reino de Deus, que vem “de repente” e que se revela na obra de Jesus.⁴⁵

Pode-se concluir que as diferenças profundas quanto aos temas básicos da literatura apocalíptica demonstram que o discurso do monte das oliveiras não pode ser alistado como um apocalipse típico. Pesch destaca: “O quadro de Mc 13 não é, pois, apocalíptico”.⁴⁶

⁴⁴ LANE, 1974, p. 446-447.

⁴⁵ PESCH, Rudolf. Futuro salvífico e futuro da salvação. In: SHREINER, Josef. & DAUTZENBERG, Gerhard. *Formas e exigências do Novo Testamento*. São Paulo: Teológica, 2004. p. 389.

⁴⁶ PESCH, 2004, p. 399.

2 SITZ IM LEBEM DO DISCURSO MARCANO

Faz-se necessário com o auxílio de hipóteses históricas, reconstruir as circunstâncias em que o discurso do Monte das Oliveiras se originou. Costuma-se usar a expressão *sitz im lebem* para referir-se à busca pelo contexto do texto. Ela vem da língua alemã e significa situação/lugar na vida. Na exegese, o *sitz im lebem* significa contexto, lugar de origem, situação geratriz ou contexto histórico.⁴⁷

Sofrendo com as tensões internas e os ataques externos, a comunidade cristã em Roma necessitava de consolo. A igreja que cumpre sua missão entre todas as nações em meio as duras provações. Muitos dos cristãos em Roma e outros lugares sem dúvida sentiram que eles também estavam fazendo pouco progresso contra os ventos de perseguição, e por este motivo a narração do discurso marcano serviria para consolá-los.

Como visto anteriormente, parece também provável que o discurso foi escrito antes de dois importantes acontecimentos: O grande incêndio de Roma, em 64 a.C., seguido da perseguição aos cristãos por Nero, e a guerra judaica, em 66-70 a.C., que culminou na destruição de Jerusalém e do templo, com o que se extinguiram o sacerdócio e o culto judaicos.

2.1 Contexto do discurso marcano

O general romano Pompeu conquistou a Palestina em 63 a.C. Houve uma série de governantes vassalos de Roma no comando da região. O estabelecimento do império romano retirou dos judeus toda a administração pública, todos os privilégios e eles passaram a ser vistos como marginalizados.

A Judéia passou a ser governada por procuradores romanos, mas os assuntos internos (questões religiosas e domésticas) eram resolvidos pelo Sinédrio. Este era o mais alto tribunal judaico durante o período da dominação helenística e romana sobre a Palestina. Sua composição e descrição são bastante debatidas, especialmente no que diz respeito às suas atribuições. Sabe-se que era um concílio composto de 71 membros, isto é, o presidente, que era o sumo-sacerdote da época, e mais 70 juízes, e este Sinédrio tinha funções religiosas, judiciais e administrativas.

⁴⁷ WEGNER, 2012, p. 171.

A Judéia era uma região turbulenta. A nação estava dividida. Havia na Palestina várias seitas ou partidos religiosos como os fariseus e os saduceus, que eram os mais importantes, e outros de menor expressão como os essênios, os zelotes, os zadoquitas e os herodianos. Segundo Moses Finley, “é marca característica dessa fase da história do povo judeu que as divisões entre classes e os conflitos políticos fossem indistinguíveis das disputas religiosas entre as seitas”.⁴⁸

O clima social da época era de abatimento e desânimo. Os registros bíblicos foram usados com a intenção de criar um sentimento de encorajamento para que pudessem suportar o desprezo e para que soubessem aproveitar a situação a fim de tirarem algum proveito.

2.1.1 Período Herodiano

Herodes, o Grande, governou Israel por volta de 37-4 a.C. Seu reinado foi marcado por inúmeros projetos de construções, financiados com pesados impostos. Construiu o Templo de Jerusalém, as fortalezas de Herodion e de Massada, um anfiteatro e um aqueduto.

Os judeus o odiavam. Por isso, tentando granjear apoio entre eles, Herodes conseguiu persuadir os romanos que lhe concedessem privilégios.

Herodes vivia sempre sob o medo que alguém pudesse tomar-lhe o trono. Nessa desconfiança mandou afogar seu cunhado Aristóbulo III, que ele tinha nomeado sumo-sacerdote e que passou a gozar de grande popularidade. Também mandou executar seu tio José, sua própria esposa Mariana I, que o acusou do assassinato do seu avô Hircano, e também sua sogra Alexandra, que conspirou contra ele, depois que ficou enfermo. Mais tarde executou também dois filhos que tivera com Mariana I e mais tarde ainda, a Antípatro, filho de sua segunda esposa, também chamada de Mariana II. O imperador Augusto, a quem Herodes pediu permissão para executar Antípatro, disse, em um trocadilho da língua grega, que “preferiria ser porco [*hys*] de Herodes do que seu filho [*hyios*]”.

2.1.2 Conflitos de sucessão do poder

Com a morte de Herodes, dois de seus filhos reivindicaram seu trono. Arquelau, a quem Herodes queria como seu sucessor, conforme seu último testamento, e Antipas, que também tinha sido designado sucessor em um segundo testamento. Ambos foram a Roma reivindicar o posto.

⁴⁸ FINLEY, Moses. *Aspectos da Antiguidade*. São Paulo: Martins Fontes, 1991. p. 221.

Os judeus não queriam ninguém da família de Herodes no trono e enviaram uma embaixada a Roma reivindicando a sua autonomia. Filipe, filho de Herodes com Cleópatra (não a do Egito), defendia as pretensões de Arquelau.

2.1.2.1 Trono dividido na Judeia

Porém, Augusto acabou confirmando os três filhos de Herodes no reino, dividindo-o em três partes: Arquelau ficou com a Judéia, Samaria e Iduméia, com o título de etnarca; Antipas ficou como tetrarca da Galiléia e da Peréia; e Filipe como tetrarca da Betanéia, Traconitis e Aurinitis, ao norte do mar da Galiléia e a leste do Jordão.⁴⁹

2.1.2.2 O governo de Arquelau

Arquelau governou a Judéia apenas de 4 a.C. a 6 d.C. Foi o menos estimado dos filhos de Herodes, por sua crueldade. Herdou o caráter de seu pai quanto a suspeitas e vinganças. Provavelmente Mt 2.22 faz uma referência incidental a essa crueldade. As queixas dos judeus contra ele o levaram ao exílio. Depois do seu exílio, sua etnarquia (Judéia, Samaria e Iduméia) foi governada por procuradores romanos (6-41 d.C.).

2.1.2.3 O governo de Herodes Antipas

Herodes Antipas governou de 4 a.C. a 39 d.C. Foi hábil e menos brutal, mas orgulhoso e astuto. É o mais proeminente nos Evangelhos. Mandou matar João Batista, que denunciara seu casamento com Herodias, filha do seu meio-irmão Aristóbulo e ex-esposa de outro seu meio-irmão Herodes Filipe I (Mt 14.3; Mc 6.17; Lc 3.19 - não confundir este Filipe com o tetrarca Filipe, já mencionado). Jesus se referiu a ele como "aquela raposa" (Lc 13.32) e foi perante ele que Jesus foi julgado (Lc 23.7-12). Construiu Tiberíades, junto ao Lago da Galiléia, como nova capital. Favorecido por Tibério (14-37 d.C.), foi depois exilado por Calígula (37- 41 d.C.) em 39 d.C., que nomeou Agripa I, irmão de Herodias e filho de Aristóbulo, rei desse território.

2.1.2.4 O governo de Filipe

Filipe governou de 4 a.C. a 34 d.C. Ele só é mencionado em Lc 3.1. Parece ter sido governador benevolente. Cesaréia recebeu o seu nome (Cesaréia de Filipe - Mt 16.13; Mc

⁴⁹ Uma das melhores biografias de Herodes ainda é: GRANT, Michael. *Herod, the great*. New York: American Heritage Press, 1971. 272 p.

8.27). Quando morreu em 34 d.C., sua tetrarquia foi colocada sob a administração romana da Síria e mais tarde, em 37 d.C., anexada ao território de Herodes Agripa I, seu sobrinho, por Calígula.

2.2 Período de Herodes Agripa I

Herodes Agripa I foi considerado amigo dos judeus e com sua influência junto a Calígula impediu que este erigisse uma estátua do imperador no templo de Jerusalém, evitando assim uma revolta dos judeus. Calígula tentou colocar no templo de Jerusalém uma estátua de Júpiter, com as suas características, para adoração, mas não teve êxito. Os judeus reagiram e conseguiram que o governador da Síria, Petrônio, o dissuadisse.

2.2.1 Herodes Agripa I e a Unificação Palestina

Quando Calígula foi assassinado em 41 d.C., Agripa I, que estava em Roma, apoiou a sucessão de Cláudio, o que lhe valeu não somente a sua confirmação no reino que Calígula lhe tinha dado como também o acréscimo da Judéia, Samaria e Iduméia a este reino. Tornou-se, desta forma, em 41 d.C., rei de toda a Palestina; isto é, de todo o território em que reinou Herodes o Grande.

Herodes Agripa I teve quatro filhos: três mulheres e um homem. A filha mais velha era Berenice, famosa pela vida incestuosa que viveu, primeiro casando-se com seu próprio tio, Herodes, rei de Cálcis e, depois da morte deste, ajuntando-se a seu próprio irmão, Agripa II. Ela é mencionada em At 25.13, 23 e 26.30. Outra filha de Agripa I, a mais nova, foi Drusila, que casou-se com Félix, governador romano da Judéia. É mencionada em At 24.24.

2.2.2 Herodes Agripa I: o favoritismo judaico e a hostilidade aos cristãos

Agripa I era estimado pelo povo, especialmente pelos fariseus, pela sua observância à lei, por ser de família asmoneia (macabeia) e também por ser hostil aos cristãos. Foi ele quem mandou executar Tiago, filho de Zebedeu e prendeu a Pedro. Morreu repentinamente (Atos 12.20-23) de enfermidade intestinal, conforme Josefo (Antig., XVIII, VI, 7) em 44 d.C. e seu reino voltou a ser governado por procuradores. Sua perseguição aos apóstolos e sua morte estão narradas em Atos 12.1-24.

2.2.3 Herodes Agripa II: lealdade à Roma e traição ao povo judeu

Herodes Agripa II era o único filho homem de Agripa I. Estava em Roma quando seu pai morreu. Em 50 d.C., quando seu tio Herodes de Cálcis morreu, foi eleito rei de Cálcis, com direito a nomear o sumo-sacerdote do templo em Jerusalém. Em 53 d.C. deixou Cálcis e recebeu as quatro tetrarquias de Filipe e Lisânias. Em 54 d.C., depois da morte de Cláudio, recebeu de Nero mais algumas partes da Galileia e da Pereia.

Quando Festo se tornou governador da Judéia, Agripa II veio a Cesareia, com Berenice, sua irmã e consorte, para fazer-lhe uma visita. Acabou sendo conselheiro de Festo no caso do julgamento de Paulo, narrado em Atos 25.13-14, 22-23 e 26.1,32.

Agripa II, embora descendente dos asmoneus, não era um judeu de convicção. Na revolução de 66 d.C. colocou-se ao lado dos romanos. Foi leal a Vespasiano e apoiou a Tito na vitória sobre o seu próprio povo. Sua lealdade a Tito valeu-lhe o alargamento do seu reino. Morreu em 100 d.C.⁵⁰

2.3 Revoluções judaicas e crescente hostilidade romana

Diversos governadores ou procuradores romanos tiveram participação direta no desenvolvimento da história judaica, que resultou em levantes ou revoluções. Dentre estes destacam-se: Fadus (44-46 d.C.), que provocou um breve levante por tentar reaver a custódia das vestes dos sumos-sacerdotes, ou seja, controlar a indicação de sacerdotes que estivera nas mãos dos judeus de 36 d.C. até o seu tempo. Antes, de 6 a 36 d.C. estivera nas mãos dos romanos; Alexandre (46-48 d.C.) que crucificou os dois filhos de Judas, o galileu, Tiago e Simão, por rebelião; Cumanus (48-52 d.C.), que governou com vários conflitos e entreveros com os judeus; Félix (52-60 d.C.), que conseguiu ser ainda mais hostil aos judeus e levantar maior oposição da parte destes. Tentou reprimir os zelotes (judeus patriotas favoráveis à guerra contra os romanos) mas acabou tornando o grupo mais popular.

A Bíblia fala dele em At 23.26; 24.1-2, 22-27. Foi ele quem ficou amedrontado com o discurso de Paulo sobre a justiça, o domínio próprio e o juízo vindouro (At 24.25); Festo, que já herdou o governo em situação insustentável, embora tentasse uma pacificação. Morreu durante o seu mandato, deixando Jerusalém em completa anarquia; Albino (62-64 d.C.) que, ao invés de pacificar a cidade agravou deliberadamente o problema com medidas injustas e aceitação de subornos; e, finalmente, Gesso Floro (64-66 d.C.), que saqueava cidades inteiras

⁵⁰ BARCLAY, John M. G. *Jews in the Mediterranean diaspora: from alexander to trajan (323 BCE-177 BCE)*. Ediburg: T&T Clarck, 1996. p. 282-319.

e cobrava “pedágio” dos ladrões para que livremente pudessem exercer a sua “profissão”. Assim Jerusalém mergulhou no caos.

2.3.1 A insurreição judaica

O historiador Fergus Millar destaca a importância da Revolta Judaica: “É impossível exagerar o significado, em diferentes pontos de vista, da grande revolta que eclodiu na Judéia entre 66 d.C. e que só terminou com o suicídio dos defensores de Massada em 74 d.C.”.⁵¹

A guerra foi resultado do sentimento antirromano alimentado por procuradores corruptos e gananciosos e das divisões entre os judeus. Havia muitas razões para o conflito: a exploração econômica dos romanos, as tensões entre os judeus e o povo influenciado pelos helenistas nos grandes centros urbanos, a violação dos direitos religiosos judaicos e o crescimento dos movimentos de libertação.

Os impostos aumentavam de modo contínuo, apesar de a Galileia, ao norte, permanecer relativamente próspera. No entanto, muitos lavradores haviam perdido seus campos para latifundiários ausentes. Estes detinham vastas áreas cultiváveis e contratavam trabalhadores para atividades irregulares a um salário ínfimo. O endividamento crescente resultava e execuções hipotecárias e, nos casos extremos, em condenação por dívida.⁵²

A causa imediata da revolta foi relativamente modesta. O procurador Gesso Floro, desejando prestígio e dinheiro, no ano de 66 d.C., roubou dezessete talentos do ouro (cerca de um pouco mais do que meia tonelada) do Templo de Jerusalém. Os judeus zombaram dele, mendigando nas ruas de Jerusalém com cestos nas mãos e pedindo dinheiro para o procurador pobre. Gesso Floro ficou furioso e permitiu que os soldados romanos saqueassem a cidade⁵³. Ela também mandou crucificar alguns de seus mais importantes habitantes.

Flávio Josefo descreve-o com a acidez que lhe é peculiar:

Gesso ostentava os seus crimes contra a nação e, como se fosse um carrasco enviado para executar condenados, não perdia nenhuma forma de pilhagem ou de violência. Demonstrava a maior crueldade possível com os mais dignos de compaixão, nos atos desonrosos era o mais indecente. Ninguém mais do que ele espalhou tanta desconfiança em face da verdade nem imaginou processos mais astutos na prática da perfídia. Para tal indivíduo, os proveitos tirados às custas de um particular eram considerados muito poucos: ela mandava saquear cidades inteiras, arruinava de uma feita um povo inteiro e, como se não bastasse, fazia anunciar através de um arauto por todo o país que todos podiam entregar-se ao banditismo, contanto que uma parte do lucro ficasse para ele. Sua capacidade teve como resultado o fato de todas as

⁵¹ MILLAR, Fergus. *The Roman near east: 31 BC-AD 337*. Cambridge: Harvard University Press, 1996. p. 70.

⁵² BLOMBERG, 2009, p. 39-40.

⁵³ LOHSE, Eduard. *Contexto e ambiente do Novo Testamento*. São Paulo: Paulinas, 2004. p. 43.

idades se tornarem desertas e de que muitos judeus, obrigados a abandonar sua residência ancestral, se refugiaram em províncias estrangeiras.⁵⁴

Josefo descreve os acontecimentos de modo a não deixar o leitor com dúvida: a estupidez e a brutalidade do procurador romano foram responsáveis pela eclosão da revolta. Nos últimos anos do governo de Nero, aquela que fora uma administração romana eficiente estava deteriorada. Bajuladores incompetentes haviam assumido importantes posições; o imperador deixou a supervisão e o controle da região. Nesse sentido, o comportamento de Gesso Floro é produto típico do período neroniano tardio.⁵⁵

2.3.1.1 A tomada de Jerusalém e a expectativa messiânica

O sumo-sacerdote e seus partidários aconselharam o povo judeu que se submetesse à Roma. Assim, o povo obedeceu. No entanto, Floro recomendou que os soldados romanos ficassem em silêncio diante das saudações dos judeus. Este ato enfureceu a multidão. Rapidamente eles tomaram o templo. O procurador Gesso Floro fugiu para Cesareia e Jerusalém foi ocupada pelos revolucionários.⁵⁶

Em várias cidades as guarnições romanas foram trucidadas pelos judeus rebeldes. Segundo Hans Kippenberg, “a revolta dos judeus contra o domínio romano tinha três metas: a suspensão do pagamento dos tributos, suspensão dos sacrifícios pelo povo romano e seu César e a ereção da soberania política”.⁵⁷ Então, sob o comando de Eleazar, os revolucionários ocuparam o templo e destruíram os corredores que davam acesso ao mesmo. Tanto o sumo-sacerdote como os fariseus e os saduceus tentaram, em vão, impedir a revolução.

É digno de nota a opinião de Koester: “as agitações messiânicas repetidas, incluindo as atividades de Jesus, mostram que aspirações e esperanças escatológicas não estavam mortas, mas tinham influência considerável sobre círculos amplos da população”.⁵⁸ Martin Goodman apresenta a seguinte reflexão: “O motivo mais imperioso para qualquer judeu participar de violenta luta foi uma crença de que a era messiânica não era apenas uma esperança futura e sim, uma atualidade presente”.⁵⁹

⁵⁴ VV.AA. *Flávio Josefo: Uma testemunha dos tempos dos Apóstolos*. São Paulo: Paulinas, 1986. p. 81.

⁵⁵ KOESTER, Helmut. *Introdução ao Novo Testamento: história, cultura e religião no período helenístico*. V. 1. São Paulo: Paulus, 2005. p. 401.

⁵⁶ LOHSE, 2004, p. 42.

⁵⁷ KIPPENBERG, Hans G. *Religião e formação de classes na antiga Judéia: estudo sociorreligioso sobre a relação entre tradição e evolução social*. São Paulo: Paulinas, 1988. p. 118.

⁵⁸ KOESTER, 2005, p. 401.

⁵⁹ GOODMAN, Martin. *A classe dirigente da Judéia: as origens da revolta judaica contra roma, 66-70 d.C.* Rio de Janeiro: Imago, 1994. p. 100.

2.3.1.2 A reconquista romana

O imperador Nero enviou Vespasiano, seu general mais capacitado e hábil, para lidar com os rebeldes. Ele foi acompanhado por seu filho Tito, com tropas vindas do Egito. Em várias cidades as guarnições romanas foram trucidadas pelos judeus rebeldes. Em outros lugares, os judeus levaram a pior e foram duramente perseguidos. Vespasiano conquistou a Judéia, a Pereia e a Idumeia e cercou Jerusalém; com a morte de Nero, assumiu o Império e passou o comando da guerra contra os judeus a Tito.

2.3.1.3 Massada: a derradeira resistência

Os exércitos romanos vieram e cercaram Jerusalém. Finalmente, em 70 d.C. após sangrenta batalha, o general Tito capturou a cidade, matou de forma cruel os sobreviventes, derrubou os muros de Jerusalém e arrasou o templo, após haver saqueado os seus tesouros.

Na fortaleza de Massada, os zelotes conseguiram resistir até 73 d.C. Quando viram que seriam derrotados, mais de mil deles se suicidaram, para não serem capturados pelos romanos. Como resultado da revolta, milhares de judeus foram presos e vendidos como escravos e assim espalhados por todo o Império Romano. Os últimos vestígios da autonomia nacional foram apagados. Jerusalém foi transformada em uma cidade romana.

2.3.1.4 A diáspora judaico-cristã

No entanto, como a igreja era formada em sua maioria por judeus convertidos, os cristãos acabaram sofrendo também com a guerra na Judéia. Nesse evento, a comunidade cristã de Jerusalém foi dispersa entre as outras congregações espalhadas pelas cidades do Império, e a Igreja de Jerusalém perdeu sua proeminência entre as demais igrejas cristãs.

Com a destruição da cidade de Jerusalém, Roma, por ser a capital do Império, passou a ter uma importância cada vez mais crescente na cristandade. Uma igreja forte já havia sido estabelecida em Roma por missionários anônimos saídos da Igreja de Jerusalém, chegando mesmo a se infiltrar na família do Imperador Tibério César. E antes do tempo do Imperador Nero, o cristianismo, como ramo do judaísmo, era tolerado pelos romanos como uma religião autorizada pelo Império.

3 OLHARES DO MONTE DAS OLIVEIRAS AO TEMPLO

É dentro desse contexto descrito nos capítulos anteriores que foi escolhido, como foco documental desta pesquisa, o texto de Marcos 13.1-37. Pretende-se defender a tese que o discurso escatológico em Marcos 13 se refere somente a destruição de Jerusalém e aos eventos de sua geração.

Logo a seguir é apresentado o texto bíblico de Marcos 13.⁶⁰

E saindo do templo, disse-lhe um de seus discípulos:

- Mestre, veja que pedras e que construções!

Mas, Jesus lhe respondeu:

- Vês estas grandes construções? Certamente, não será deixada aqui pedra sobre pedra que certamente não seja destruída.

E assentando-se no Monte das Oliveiras, diante do templo, quando Pedro, Tiago, João e André lhe perguntaram em particular:

- Dize-nos quando estas coisas serão e que sinal haverá quando todas estas coisas vierem a se cumprir?

Então, Jesus começou a dizer-lhes:

- Vede que ninguém vos engane. Muitos virão em meu nome dizendo: Eu sou e a muitos enganarão. E quando ouvirdes falar de guerras e rumor de guerras, não vos pertubeis, é necessário que tais coisas aconteçam, mas ainda não é o fim. Pois se levantará nação contra nação e reino contra reino. Haverá terremotos em vários lugares, haverá fomes. Estas coisas são os princípios das dores de parto.

- E tende cuidado de vós mesmos, porque vos entregarão aos sinédrios e as sinagogas; sereis espancados, e por minha causa, comparecereis à presença de reis e de governadores para lhes dar testemunho. E é necessário que antes o evangelho seja proclamado a todas as nações. E quando forem presos e levados ao julgamento, não se preocupeis com o que haveis de falar. Mas, o que for dado a vós naquela hora, isto falai. Pois não sois vós o que falais, mas o Espírito Santo. E um irmão entregará à morte outro irmão, em o pai, ao filho. Filhos se levantarão contra os pais, e os matarão.

⁶⁰ A não ser que seja indicada, a tradução dos versículos de Marcos 13 foi realizada pelo pesquisador. Tentou-se preservar a metrificacão do texto.

- E sereis odiados por todos por causa de meu nome. Mas, o que perseverar até o fim sobreviverá.

Mas, naqueles dias, depois da referida tribulação,

o sol escurecerá,

a lua não dará sua luz,

as estrelas cairão do céu,

e os poderes dos céus serão abalados.

Então verá o Filho do Homem vir nas nuvens, com grande poder e glória.

E ele enviará seus mensageiros e reunirá os seus eleitos dos quatro ventos, da extremidade da terra até a extremidade do céu.

Aprendam a parábola da figueira: quando seus ramos se renovam e suas folhas começam a brotar, vós sabeis que o verão está próximo. Assim também vós, quando virdes estas coisas acontecendo, sabeis que ele está próximo, às portas.

Eu lhes asseguro que não passará esta geração até que todas essas coisas aconteçam.

O céu e a terra passarão, mas as minhas palavras jamais passarão.

Quanto ao dia e à hora ninguém sabe, nem os anjos no céu, nem o Filho, senão somente o Pai.

Tende cuidado! Vigiai! Não sabeis quando virá esse tempo.

É como um homem que sai de viagem. Ele deixa sua casa, encarrega de tarefas cada um dos seus servos e ordena ao porteiro que vigie.

Vigiai, porque vocês não sabem quando o dono da casa voltará: se à tarde, à meia-noite, ao cantar do galo ou ao amanhecer. Se ele vier de repente, que não vos encontre dormindo! O que lhes digo, digo a todos: Vigiai!

3.1 Os Discípulos e o Esplendor do Templo

E saindo do templo, disse-lhe um de seus discípulos:

- Mestre, veja que pedras e que construções!

Mas, Jesus lhe respondeu:

- Vês estas grandes construções? Certamente, não será deixada aqui⁶¹ pedra sobre pedra que certamente não seja destruída.

De acordo com o registro de Marcos 11.27, Jesus estava no templo: “Chegaram novamente a Jerusalém, e quando Jesus estava caminhando pelo templo, vieram até ele os principais sacerdotes, os escribas e os anciãos”. Logo após, são registrados vários debates de Jesus com as autoridades civis e religiosas.

Ao fim do dia, Jesus saiu do templo e da cidade. No caminho, um discípulo, com reverência, chama atenção à magnificência do templo, que oferecia um quadro impressionante visto do Monte das Oliveiras.

O templo em Jerusalém havia de tornado o símbolo da esperança de Israel. Ele representava o amor exclusivo de Deus por Israel, a estabilidade e a presença de Deus no meio do Seu povo. Era um dos grandes santuários da antigüidade. Seu complexo formava o centro do judaísmo. O Templo devia ser o lugar onde, particularmente em três festas anuais, eles deviam regozijar-se diante de seu Deus e lembrar da suas grandes bênçãos concedidas a eles.

Não é de se admirar que os discípulos ficassem surpreendidos ao ouvirem de Jesus, que o templo seria totalmente destruído. Deve ser lembrado que neste momento o templo ainda estava sendo construído e ele seria derrubado poucos anos depois da conclusão das obras.

Martin Volkmann destaca a relevância do Templo para comunidade judaica na época de Jesus: “o templo no período herodiano é uma instituição enorme, imponente e de muito luxo (Mc13.1). Para construir esta obra suntuosa foram necessários somas vultuosas e um exército de operários durante decênios”.⁶²

Com sua loquacidade característica, Flávio Josefo⁶³ apresenta a seguinte descrição:

O Templo achava-se construído sobre uma forte colina. Todos os pórticos eram duplos e suas colonas atingiam 11 metros⁶⁴ de altura, eram monólitos do mármore mais branco possível; os tetos eram de lambris de cedro. A magnificência natural de tais pórticos, a perfeição de seu polimento e de seu ajustamento ofereciam um espetáculo impressionante, e isso sem nenhum embelezamento artificial devido ao trabalho de algum pintor ou escultor. A parte que ficava a céu aberto, de ponta a ponta, era diversificada por um pavimento de pedras multicolores. Quando, depois de atravessá-lo, a pessoa prosseguia em direção ao segundo pátio do Templo,

⁶¹ A leitura ὧδε λίθος ἐπὶ λίθον tem vigorosa evidência (κ B L W Δ Θ Ψ f¹ f³ 28 33 700 al). No entanto, o manuscrito alexandrino (A) e um grande número de minúsculos traz a variante λίθος ἐπὶ λίθῳ. Segundo Roger Omason (2010:94), essa variante não passa de variação estilística e não afeta o significado do texto.

⁶² VOLKMANN, Martin. *Jesus e o Templo*. São Leopoldo e São Paulo: Sinodal e Paulinas, 1992. p. 17.

⁶³ VV.AA. 1986, p. 30-32.

⁶⁴ No original, vinte e cinco côvados.

encontra-o cercado por uma barreira de pedra de um metro e meio⁶⁵ de altura, um trabalho bellissimo. Os pórticos, entre os portais voltados para o interior a partir da parede, em frente aos edifícios do tesouro, eram sustentados por colunas muito belas e altíssimas. Esses pórticos não eram duplos, mas excetuando-se na grandeza, nada deixavam a desejar se comparados aos do pátio inferior. Nove dos portais eram, em toda a sua superfície, cobertos de ouro e prata, como eram também suas traves e batentes; um, porém, que ficava do lado de fora do Santuário, de bronze de Corinto, superava amplamente em valor os portais revestidos de placas de prata e ouro. No aspecto exterior da construção, nada se omitira para impressionar o espírito e os olhos. Com efeito, como era recoberta de todos os lados por espessas placas de ouro, desde o nascer do sol ela refletia a luz com tal intensidade, que obrigava os que se sentiam impelidos a olhar para ela a desviar os olhos como diante de raios solares. Para estrangeiros que chegavam, ela aparecia ao longe como uma montanha coberta de neve, pois, não onde era revestida de ouro, era-o do mármore mais branco possível. Algumas pedras da construção tinham 19,8 metros de comprimento, 2,2 metros de comprimento e 2,64 metros de largura.⁶⁶

Segundo Volkmann, a remodelação do templo feita por Herodes, ocupou a quinta parte de toda área da cidade. Com essa ampliação, toda a área do templo perfazia um total de mais ou menos 150.000 m². O acesso a esta área se dava através de oito portões: dois ao sul, quatro a oeste e um ao norte e a leste. Havia dois átrios: o maior, chamado de pátio dos gentios e um menor, destinado exclusivamente aos judeus.⁶⁷

Como um mercado público, o pátio dos gentios contava com muitas lojas, que serviam os milhares de adoradores que se reuniam de todas as partes do mundo para as grandes festas de Israel. Algumas trocavam moedas estrangeiras por moedas sem effigies exigidas como pagamento da taxa do templo, outras vendiam animais para o sacrifício depois da vistoria das autoridades. Algumas vendiam óleo, vinho e sal necessários para os sacrificios.

Embora o câmbio fosse considerado legal, os cambistas cobravam taxas exorbitantes. As autoridades religiosas recebiam uma percentagem dos lucros. Os gentios que vinham consultar o Deus de Israel eram humilhados em nome da ganância e do lucro fácil.

Todas essas atividades impediam o templo de cumprir seu verdadeiro propósito: De ser casa de oração para todos os povos.

Sobre isto destaca o estudioso Warren W. Wiersbe.

Os judeus orgulhavam-se de seu templo, apesar de ter sido construído pela família de Herodes a fim de apaziguar o povo. Jesus já havia deixado claro o que pensava sobre o templo (Mc 11.15-17), mas seus discípulos ficaram fascinados com a grandiosidade da construção. Podemos imaginar como ficaram chocados quando Jesus informou-os de que, um dia, aquele edifício que tanto admiravam seria deitado

⁶⁵ No original, três côvados.

⁶⁶ No original, 45 côvados de comprimento, cinco de altura e seis de largura.

⁶⁷ VOLKMANN, 1992, p. 10.

por terra. Os líderes judeus o haviam profanado; Jesus se retiraria dele e o deixaria deserto (Mt 23.38); os romanos o destruiriam.⁶⁸

3.2 Jesus e a queda das pedras do Templo

A destruição do templo de Jerusalém é o sinal de que caiu a velha ordem e que a nova havia começado.

Assim como os profetas da igreja do Antigo Testamento, Jesus denunciou a estrutura pecaminosa representada pelo templo. Em sua pregação, Jesus demonstrou como as estruturas se pervertem, como no caso dos vendilhões do templo e da aliança da elite religiosa de Israel com o poder romano. O ódio dos religiosos se somou ao pavor dos governantes. Cristo repreendeu o povo quanto às condições sociais e advertiu sobre a iminência do cativeiro, da destruição da nação pecaminosa.

Na igreja a ação profética é exercida como denúncia de pecado, micro e macro, tanto no âmbito pessoal como no âmbito nacional, uma vez que o pecado pode estar impregnado no sistema, na estrutura.

Em Isaías 58.3-8, quando o povo de Deus pergunta: “Por que é que nós oramos e jejuamos e tu não nos respondes?”, Deus diz: “É porque vocês jejuam e oram para a iniqüidade, vocês estão oprimindo os pobres, e seus próprios operários, e o jejum que eu quero, é que vocês cortem as ligaduras da impiedade, é que ajam com justiça em relação aos desamparados”.

Sendo assim, a ação profética da Igreja, exemplificada aqui por Jesus, constitui-se em detectar o pecado instalado no indivíduo e na sociedade, em estruturas de exclusão, de injustiça. Quando a igreja mostra a estrutura caída, pecaminosa, ela aponta para uma esperança, esperança de mudança das estruturas. As estruturas se pervertem, como no caso da escravidão ou discriminação, injustiça social ou outro mal social e quando a igreja está inserida dentro dessa estrutura espera-se que não só os indivíduos sejam transformados pela ação do evangelho, mas que essas estruturas macro também sejam.

Portanto, a preocupação pelo aspecto social do testemunho da igreja não é um abandono das verdades do evangelho, mas sua afirmação. Exemplos históricos corroboram

⁶⁸ WIERSBE, Warren W. *Comentário Bíblico expositivo: Novo Testamento*. vol. 1. Santo André, SP: Geográfica, 2007. p. 199.

esta tese, como João Calvino e sua influência em Genebra, o papel do avivamento de George Whitefield na transformação social da Inglaterra, entre outros.⁶⁹

3.2.1 Jesus e o prenúncio do juízo e da libertação

O princípio das dores

E assentando-se no Monte das Oliveiras, diante do templo, quando Pedro, Tiago, João e André lhe perguntaram em particular:

- Dize-nos quando estas coisas serão e que sinal haverá quando todas estas coisas vierem a se cumprir?

Então, Jesus começou a dizer-lhes:

- Vede que ninguém vos engane. Muitos virão em meu nome dizendo: Eu sou e a muitos enganarão. E quando ouvirdes falar de guerras e rumor de guerras, não vos perturbeis, é necessário que tais coisas aconteçam, mas ainda não é o fim. Pois se levantará nação contra nação e reino contra reino. Haverá terremotos em vários lugares, haverá fomes. Estas coisas são os princípios das dores de parto.

- E tende cuidado de vós mesmos, porque vos entregarão aos sinédrios e as sinagogas; sereis espancados, e por minha causa, comparecereis à presença de reis e de governadores para lhes dar testemunho. E é necessário que antes o evangelho seja proclamado a todas as nações. E quando forem presos e levados ao julgamento, não se preocupeis com o que haveis de falar. Mas, o que for dado a vós naquela hora, isto falai. Pois não sois vós o que falais, mas o Espírito Santo. E um irmão entregará à morte outro irmão, em o pai, ao filho. Filhos se levantarão contra os pais, e os matarão.

- E sereis odiados por todos por causa de meu nome. Mas, o que perseverar até o fim sobreviverá.

A resposta de Jesus foi predizer a destruição do templo, a ameaça dos falsos mestres e a perseguição dos seus seguidores. Cristo advertiu-os com respeito a serem levados para o caminho errado pelos falsos sinais e prosseguiu descrevendo tudo quanto ocorreria após a sua partida. Entre a ressurreição de Cristo e a destruição do templo em Jerusalém, surgiram vários líderes messiânicos em Israel.

Haveria comoções nacionais e calamidades públicas. Fomes, epidemias, terremotos e guerras são descritas como princípios das dores de parto. William Lane assim explica: “Jesus utilizou uma frase técnica da literatura rabínica para descrever o intenso sofrimento que precederia a libertação messiânica”.⁷⁰

⁶⁹ A este respeito, destacam-se os estudos de BIÉLER, André. *A força oculta dos Protestantes*. São Paulo: Cultura Cristã, 1999; e de WALLACE, Ronald. *Calvino, Genebra e a Reforma: um estudo sobre Calvino como um Reformador Social, Clérigo, Pastor e Teólogo*. São Paulo: Cultura Cristã, 2003.

⁷⁰ LANE, 1974, p. 458.

Houve violentos conflitos entre os judeus e os habitantes de Alexandria, Síria e Babilônia. No reinado de Calígula, inúmeras prisões foram realizadas na Judéia, resultantes dos conflitos com os romanos, em consequência da proposta do imperador de colocar sua própria estátua no templo de Jerusalém. No reinado do imperador Cláudio (41-54 d.C.) houve grande escassez. O preço dos alimentos subiu tanto que levou muitos habitantes da Judéia a morrer de fome. Ocorreram terremotos durante os reinados de Calígula e Cláudio.

O historiador romano Tácito escreve o seguinte:

A história na qual estou entrando é um de um período rico em desastres, de batalhas terríveis, agitado por lutas civis; um período horrível, mesmo em tempo de paz. Quatro imperadores morreram pela espada.⁷¹ Ocorreram três guerras civis, guerras com países estrangeiros, e, às vezes, ambas ao mesmo tempo. Houve sucesso no Oriente e infortúnio no Ocidente. A Ilíria sofreu perturbação, as províncias da Gália se agitaram e a Bretanha, depois de subjugada imediatamente escapou do controle. Os sarmatas e os suebes se levantaram contra nós; os dacianos conquistaram fama por derrotas infligidas e sofridas; mesmo os parciais por pouco não foram levados às armas por causa de artimanhas de um falso Nero. Mais ainda, a Itália sofreu aflições por desastres desconhecidos até então, ou que retornaram depois de um intervalo de anos. Cidades nas ricas costas da Campanha foram engolidas ou dominadas; Roma foi devastada por incêndios, nos quais os lugares sagrados mais antigos foram consumidos e o Capitólio foi incendiado pelas mãos de cidadãos. As cerimônias foram contaminadas; os adultérios eram grande número. O mar ficou cheio de exilados e suas costas rochosas ficaram imundas com os corpos dos mortos [...]. Além das muitas desgraças que se abateram sobre a raça humana, ocorreram prodígios no céu e na terra, com o prenúncio de raios e profecias sobre o futuro, ao mesmo tempo alegres e soturnas, indefinidas e claras. Pois nunca ficou tão provado, por meio das terríveis calamidades do povo romano e dos indubitáveis sinais, que os deuses não se importam com a nossa segurança.⁷²

3.2.2 Jesus e a perseguição da Igreja

Os discípulos seriam perseguidos, ao proclamarem as boas-novas do Reino, nas sinagogas e nos sinédrios. Isto lhes daria oportunidades para testemunho. O próprio Cristo toma a responsabilidade de dar a seus discípulos o auxílio divino de que precisam para fazerem sua defesa e darem seu testemunho. Eles seriam traídos e odiados e alguns deles até sofreriam o martírio, mas seriam guardados se agüentassem tudo isso pacientemente.

A Grande Tribulação

E quando virdes a abominação desoladora situado onde não deveria estar, quem lê entenda. Então os que estiverem na Judeia fujam para os montes; e quem estiver no terraço não desça nem entre em sua casa para tirar algo; e o que estiver no campo não volte para trás para pegar sua túnica. Ai das que estiverem grávidas e das que amamentarem naqueles dias! Orai para que isso não aconteça no inverno. Porque aqueles dias serão de tamanha tribulação como nunca houve desde o princípio do

⁷¹ Aqui Tácito se refere a Nero, Galba, Oto e Vitélio.

⁷² TACITUS. *Historias*. Trad. Clifford H. Moore. Cambridge, Mass: Harvard University; London: W. Heinemann, 1998 (The Loeb Classical Library), 2v. p. 5-6.

mundo, que Deus criou, até agora e nunca jamais haverá. E se o SENHOR não tivesse abreviado tais dias, nenhuma pessoa seria salva, mas por causa dos eleitos que ele escolheu, abreviou tais dias. Então, se alguém vos disser: Eis aqui o Cristo! Ou: Ei-lo ali! Não acrediteis. Pois se levantarão falsos cristos e falsos profetas, realizando sinais e prodígios para enganar, se possível, os eleitos. Mas, vós tende cuidado; tudo vos tenho predito.

3.2.3 A misteriosa abominação desoladora

A expressão βδέλυγμα τῆς ἐρημώσεως (abominação desoladora) encontra-se no livro de Daniel (12.11): “Depois do tempo em que o sacrifício diário for tirado, e posta a abominação desoladora (מְשַׁחֵם אֶת־הַמִּזְבֵּחַ), haverá ainda mil e duzentos e noventa dias”. (11.31). “Dele sairão forças que profanarão o santuário, a fortaleza nossa, e tirarão o sacrifício diário, estabelecendo a abominação desoladora” (הַמְשַׁחֵם אֶת־הַמִּזְבֵּחַ). (9.27). “Ele fará firme aliança com muitos, por uma semana; na metade da semana, fará cessar o sacrifício e a oferta de manjares; sobre a asa das abominações virá o assolador (מְשַׁחֵם אֶת־הַמִּזְבֵּחַ), até a destruição, que está determinada, se derrame sobre ele”.

Esta frase misteriosa constitui parte do vocabulário apocalíptico. Trata-se, portanto, de um símbolo de uma afronta inominável a santidade do templo e ao próprio Deus.

Diversas interpretações desta passagem foram propostas, entre as quais temos: normas imperiais, a imagem de Calígula que seria posta no Templo, um sumo sacerdote despreparado do grupo dos zelotes, a invasão dos romanos liderados por Tito, uma estátua pagã exposta no Templo, um ser humano declarando ser divino e moedas imperiais sendo usadas no Templo.⁷³

Rikki Watts advoga que a melhor interpretação proposta é a seguinte: Se Jesus é a pedra angular no novo templo de Deus, então crucificá-lo é certamente o supremo ato de profanação do templo. Assim, o véu que se rasga na morte de Cristo seja o sinal profético da morte do templo. Como aquela geração não aceitou a presença divina em Jesus, Deus dá a entender que abandonou sua Casa e Jerusalém.⁷⁴

No entanto, o peso sobre a investida do exército romano é ainda muito forte. Quando os discípulos vissem exércitos reunindo-se em torno da cidade, deveriam então fugir, pois o julgamento há tanto anunciado sobre Israel estaria para cair e a sujeição aos gentios por um longo tempo estava para ter início. Diante de tamanho suplício, os seguidores de Cristo,

⁷³ CARSON, D.A. & BEALE G.K. *Comentário do uso do Antigo Testamento no Novo Testamento*. São Paulo: Vida Nova, 2014. p. 280-281.

⁷⁴ CARSON, 2014, p. 281.

alertados por suas palavras, fugiram da Judéia. É digno de nota, a famosa declaração de Eusébio:

Também o povo da igreja de Jerusalém, por seguir um oráculo enviado por revelação aos notáveis do lugar, receberam a ordem de mudar de cidade antes da guerra e habitar certa cidade da Peréia chamada Pella. Tendo os que creram em Cristo emigrado até lá desde Jerusalém, a partir deste momento, como se todos os homens santos tivessem abandonado por completo a própria metrópole real dos judeus e toda a região da Judéia.⁷⁵

Pode-se concluir que as palavras registradas em Marcos se referem a Grande Tribulação e esta precedeu a destruição do templo.

3.3 O Triunfo do Filho do Homem

Mas, naqueles dias, depois da referida tribulação, o sol escurecerá, a lua não dará sua luz, as estrelas cairão do céu, e os poderes dos céus serão abalados. Então verá o Filho do Homem vir nas nuvens, com grande poder e glória. E ele enviará seus mensageiros e reunirá os seus eleitos dos quatro ventos, da extremidade da terra até a extremidade do céu.

Este quadro está profundamente radicado na profecia veterotestamentária. Os sinais nos céus referem-se ao julgamento de nações e mudanças cataclísmicas. Marcos está citando a texto de Isaías 13.9-11.⁷⁶ O oráculo do profeta é um ataque contra o orgulho da Babilônia. John N. Oswalt comentando o texto, diz: “Estes versículos amplificam a natureza universal do juízo do Senhor”.⁷⁷

Yahweh está prestes a quebrar o poder da Babilônia, pois, ao ferir seu povo, eles feriram seu povo escolhido, e agora Yahweh levantará sua mão contra eles. O profeta exorta seus ouvintes a se alegrarem, declarando, que muitas nações se unirão a Yahweh e se tornarão seu povo⁷⁸ em uma aliança, quando Yahweh tendo outra vez escolhido Jerusalém, será entronizado em seu templo reconstruído.

3.3.1 O Filho do Homem no Apocalipse de Daniel

R. T. France afirma: “O senso natural das palavras, usadas no contexto judaico, é de uma linguagem poética que se refere às grandes transformações que ocorreram quando

⁷⁵ EUSEBIUS. *The Ecclesiastical History*. Cambridge, Mass: Harvard University; London: W. Heinemann, 1998 (The Loeb Classical Library), 2v. p. 119-200.

⁷⁶ Cf. Am. 5.18; Jl. 2.2, 31; 3.15; Ez. 32.7; Mq. 3.6. Cf. também Mt. 24.29; Lc. 21.25; Ap. 8.12.

⁷⁷ OSWALT, John N. *Isaías: comentário do Antigo Testamento*. São Paulo: Cultura Cristã, 2011. p. 156.

⁷⁸ Cf. Is. 2.2-4; 66.18-24.

Jerusalém e seu templo foram destruídos”.⁷⁹ Portanto, o texto não é sobre um colapso universal, mas sobre o fim da antiga ordem, que será substituída pelo novo regime de Jesus, o Filho do Homem e o crescimento internacional do povo de Deus, a Igreja.

A designação Filho do Homem recebeu todo tipo de interpretação imaginável. É o mais debatido, analisado e discutido título aplicado a Jesus. A maioria dos comentaristas é de opinião que Jesus usou Filho do Homem em todos os três sentidos encontrados nos evangelhos sinóticos: ministério terreno, morte-ressurreição, exaltação futura ou julgamento vindouro.⁸⁰

A expressão Filho do Homem é uma clara alusão e uma interpretação de Daniel 7.13. Daniel 7 é o registro de um sonho no qual Daniel viu quatro animais, dos quais os três primeiros eram diferentes, mas reconhecíveis: um leão, um urso e um leopardo. Porém, o último animal era tão aterrorizante que não se assemelhava a nenhum outro. Ele possuía grandes dentes de ferro, dez chifres e dentre eles, surgiu um com “olhos como os olhos de um homem e uma boca que falava com arrogância” (7.8). Depois do aparecimento do último animal, convocou-se o tribunal escatológico, e “um ancião” se assentou para encabeçar o julgamento. Como veredicto, o quarto animal “foi morto, e o seu corpo foi destruído e atirado no fogo” (7.9-11). Nesse ponto, “alguém semelhante a um filho de homem” surgiu no sonho de Daniel. Ele foi transportado da terra ao céu em nuvens e se aproximou do “ancião” enquanto se assentava para o julgamento (7.13). Diferentemente do quarto animal aterrorizante e condenado, o “Filho do Homem” foi vindicado.

Quando a interpretação do sonho foi dada, os quatro animais representavam nações gentílicas e o animal com o chifre arrogante é uma nação que persegue o povo de Deus — “guerreava contra os santos e os derrotava” (Dn 7.21), falando contra o “Altíssimo”, oprimindo seu povo, e tentando mudar seu calendário sagrado e suas leis (7.25). Apesar de Deus entregar “seus santos” ao opressor durante um tempo (7.25), posteriormente o tribunal divino intervirá e ele destruirá o poder do opressor (7.26).

Portanto, em Daniel, os quatro animais e “alguém semelhante a um filho de homem” simbolizam nações. Assim como Deus delegou aos seres humanos autoridade sobre os animais (Gn 1.28; 2.19, 20), o “Filho do Homem”, símbolo do povo de Deus, também terá autoridade sobre as nações, porque são os santos do Altíssimo. Entretanto, antes de a autoridade ser conferida, eles devem passar por um período de sofrimento nas mãos de um

⁷⁹ FRANCE, R.T. *The gospel of Mark: a commentary on the greek text*. Grand Rapids: Eerdmans, 2000. p. 533.

⁸⁰ A este respeito destaco a pesquisa de HOCKER, Morna D. *The son of man in Mark: study of the background of the term “son of man” and its use in st. mark’s gospel*. London: SPCK, 1967 e ainda a obra de HARE, Douglas R. A. *The son of man tradition*. Minneapolis: Fortress, 1990.

opressor gentio especialmente violento. Ao término desse período, “alguém como um filho de homem” será vindicado pelo ancião e assumirá a hegemonia justa sobre as nações mediante “um reino que jamais será destruído”.

A visão e sua interpretação, portanto, seguem um padrão triplo. A pessoa descrita como “alguém semelhante a um Filho do Homem” é:

- 1) caracterizada pela autoridade que é;
- 2) ocultada durante algum tempo pela opressão dos inimigos de Deus, mas
- 3) posteriormente vindicada por Deus. Para resumir, como Filho do Homem, Jesus seguiu o padrão estabelecido para “alguém semelhante a um filho de homem”, em Daniel 7.13. Ele possuía autoridade; sofreu nas mãos de seus inimigos e foi vindicado e exaltado por Deus.⁸¹

3.3.2 Os usos do Apocalipse de Daniel no Novo Testamento

O Dr. Earle Ellis acredita que o uso deste texto de Daniel, provavelmente, é um *midrash* de Jesus. Foi complementada por outros ditos e reformulados pelos evangelistas e seus predecessores em algo como um panfleto profético ligado às experiências da Igreja.⁸²

3.3.3 O Filho do Homem e o *sensus* metafórico-semítico

Em aramaico a expressão é *Bar Nascha*. *Bar*, como se sabe, é equivalente aramaico ao hebraico *ben*. Encontramos este termo em diversos nomes próprios tais como Barnabé, Bartolomeu, Barjonas e Barjesus. O termo aramaico *bar* é constantemente utilizado em sentido figurado. Diz-se, por exemplo, em lugar de mentiroso, filho da mentira; os pecadores são chamados de filhos do pecado e um rico é um filho da riqueza. Nesta construção o genitivo que segue a *bar* designa, portanto, a categoria à qual pertence a pessoa em questão. *Bar Nascha* é, portanto, em aramaico, aquele que pertence à espécie humana e significa simplesmente homem.⁸³ Da mesma forma, Daniel 7.13 é mais bem traduzido por “sobre as nuvens do céu, uma figura semelhante a um homem apareceu”.

⁸¹ THIELMAN, Frank. *Teologia do Novo Testamento: uma abordagem canônica e sintética*. São Paulo: Shedd, 2007. p. 83-84.

⁸² ELLIS, E. Earle. “How the New Testament uses the old”, In: *New Testament Interpretation*. Ed. I. Howard Marshall. Exeter: Paternoster, 1977. p. 202.

⁸³ CULLMANN, Oscar. *Cristologia no Novo Testamento*. São Paulo: Custom, 2002. p. 183.

Larry Hurtado, professor de teologia da Universidade St. Andrews, afirma⁸⁴ que o sintagma *ho hyios tou anthropou* não é um título. Não designa nenhum ofício ou uma figura salvífica aguardada nos evangelhos. A expressão tem função semelhante a de um nome, ou seja, ela identifica uma pessoa. Essa semântica depreende-se, ao meu ver, justamente do plural, os filhos dos seres humanos ou filhos humanos como empregado em Marcos 3.28: “Em verdade vos digo que tudo será perdoado aos filhos dos homens: os pecados e as blasfêmias que proferirem”.⁸⁵ Por isso, conclui Hurtado, o sintagma também pode estar em lugar do pronome pessoal “eu”.

Portanto, o Filho do Homem em Marcos não é uma figura angélica, trata-se de uma representação simbólica da figura humana, caracterizando Jesus como aquele que opera na esfera humana.⁸⁶

3.3.4 A vinda do Filho do Homem

O significado da expressão “vir nas nuvens” é encontrado nas referências do Antigo Testamento. A presença de Deus nas nuvens implica juízo e justiça. O salmo 97.2 afirma: “Nuvens e escuridão o rodeiam, justiça e juízo são a base de seu trono”. Denunciando os pecados de Israel e anunciando o juízo de Yahweh o profeta Jeremias proclamou: “Eis aí que sobe o destruidor como nuvens; os seus carros, como tempestade”(4.13).

Sua vinda aqui não é visível, nem corporal. Esta é uma expressão metafórica. Ela descreve Jesus como se ele descesse do céu em forma física. Ela faz paralelo com a vinda de Deus contra o Egito no Antigo Testamento: “Mensagem acerca do Egito. O SENHOR vem cavalcando numa nuvem ligeira e entra no Egito. Os ídolos do Egito estremecerão diante dele, e o coração dos egípcios se derreterá” (Is. 19.1). Desse modo, a “vinda” de Cristo significa o juízo metafórico em que ele governa por meio de sua providência os romanos na guerra contra Israel.⁸⁷

E ele enviará seus mensageiros. Aqui Marcos faz referência à pregação do evangelho. Os pregadores anunciaram o evangelho em vastas áreas do império romano. A este respeito são contundentes as palavras de Eusébio de Cesareia:

⁸⁴ HURTADO, Larry W. *Summing up and concluding observations*. Disponível em: <<https://larryhurtado.files.wordpress.com/2010/07/son-of-man-hurtado.pdf>>. Acesso em: 06 mar. 2015.

⁸⁵ Aqui vertido na tradução Revista e Atualizada de Almeida (RA), Sociedade Bíblica do Brasil (SBB).

⁸⁶ Confira: HURTADO, Larry W. *Senhor Jesus Cristo: devoção a Jesus no cristianismo primitivo*. São Paulo: Academia Cristã & Paulus, 2014.

⁸⁷ GENTRY, Kenneth. *Pós-milenarismo para leigos*. Brasília: Monergismo, 2014. p. 40.

Assim, sem dúvida por uma força e uma assistência do Céu, a doutrina salvadora, como um raio de sol, iluminou subitamente toda a terra habitada.⁸⁸ De pronto, conforme as divinas Escrituras, a voz de seus evangelistas inspirados e de seus apóstolos ressoou em toda a terra, e suas palavras nos confins do mundo.⁸⁹

3.3.5 A reunião do Filho do Homem com os escolhidos

Reunirá seus eleitos. A expressão reunir é um verbo que pode significar reunir em sinagoga. Chilton acredita que “com a destruição do templo e o sistema do antigo pacto, o Senhor envia seus mensageiros para que juntem seu povo escolhido em sua nova sinagoga”.⁹⁰

3.3.6 Elementos parabólicos do discurso do Monte das Oliveiras: a Figueira

A lição da Figueira.

Aprendam a parábola da figueira: quando seus ramos se renovam e suas folhas começam a brotar, vós sabeis que o verão está próximo.

Assim também vós, quando virdes estas coisas acontecendo, sabeis que ele está próximo, às portas.

Eu lhes asseguro que não passará esta geração até que todas essas coisas aconteçam.

O céu e a terra passarão, mas as minhas palavras jamais passarão.

A chave para a compreensão desse discurso está na afirmação: “Eu lhes asseguro que não passará esta geração até que todas estas coisas aconteçam”. Em seguida, Jesus endossou com a declaração intensamente solene do v. 31, afirmando (com o uso de uma expressão idiomática hebraica) que até se céu e terra passarem, suas palavras jamais passarão. Tudo, portanto, o que Jesus predisse até esse ponto no seu discurso, seria uma declaração do que se cumpriria durante os quarenta anos seguintes (entendendo a palavra “geração” no seu sentido normal e natural); e de fato se cumpriu.

A força da parábola é que os acontecimentos descritos constituem sinais da certeza e iminência do juízo vindouro sobre Jerusalém. A figueira pode representar a nação judaica, como em diversas passagens do Antigo Testamento.

⁸⁸ *Oikoumene.*

⁸⁹ EUSEBIUS, 1198, p. 115. O texto grego foi consultado.

⁹⁰ CHILTON, David. *El paraíso restaurado.* Tyler, TX, Dominion Press, 1999. p. 77.

3.3.7 Elementos parabólicos do discurso do Monte das Oliveiras: a Casa

Quanto ao dia e à hora ninguém sabe, nem os anjos no céu, nem o Filho, senão somente o Pai.

Tende cuidado! Vigiai! Não sabeis quando virá esse tempo.

É como um homem que sai de viagem. Ele deixa sua casa, encarrega de tarefas cada um dos seus servos e ordena ao porteiro que vigie.

Vigiai, porque vocês não sabem quando o dono da casa voltará: se à tarde, à meia-noite, ao cantar do galo ou ao amanhecer. Se ele vier de repente, que não vos encontre dormindo! O que lhes digo, digo a todos: Vigiai!

A expressão *nem o Filho* é alvo de considerada disputa. Tradicionalmente é interpretada que Cristo, em sua aceitação voluntária das limitações da encarnação, não participa do segredo da revelação do juízo. A monção está oculta nos conselhos do Pai de tal modo que o próprio Filho não compreende. Por este motivo, repete-se a exortação à vigilância.

É necessário vigiar porque ninguém sabe o momento da *parusia*. A parábola ressalta a imprevisibilidade do retorno do proprietário da casa, obrigando o porteiro a permanecer vigilante. A vigilância é definida não como o abandono das responsabilidades, mas como o fiel cumprimento delas.

CONCLUSÃO

A presente pesquisa foi desenvolvida a partir do método histórico-gramatical e da análise do discurso. A análise do discurso é bastante apreciada por diversos exegetas, destacando-se como promissor nos estudos bíblicos. O método auxilia na transferência do foco do trabalho do intérprete que divide o texto em unidades de acordo com seu ponto de vista para a análise cuidadosa do texto bíblico em si.

O texto escolhido para análise foi o discurso profético de Jesus no monte das oliveiras. Esse discurso está registrado nos três evangelhos sinóticos. É a maior seção de ensinamento registrada no Evangelho segundo Marcos. Inicia com um diálogo (versos 1-4) e termina com um longo monólogo (versos 5-37). Marcos usa o discurso como uma ponte entre a controvérsia de Jesus com os líderes de Israel e a consequente crucificação. Os registros desse sermão são resultado do trabalho editorial dos evangelistas elaborado com base nas tradições disponíveis.

Os estudiosos se dividem em quais versos Jesus está tratando da *parousia* e em quais está se referindo à destruição do templo de Jerusalém. Alguns intérpretes sugerem que Jesus esteja se referindo à sua ressurreição, juntamente com o derramamento do Espírito subsequente. Há os que interpretam as palavras de Jesus como uma menção a manifestações do Reino de Deus tais como o pentecostes, o julgamento sobre Jerusalém ou o avanço poderoso do Evangelho no mundo pagão. E, conforme foi visto, há eruditos que vêem o texto como indicando a destruição de Jerusalém e a subsequente expulsão dos judeus da Palestina, preparando, desta forma, o caminho para a formação do novo Israel, que consiste de judeus e gentios.

Tratou-se também da clássica concepção, iniciada no século XIX, que o discurso do Monte das Oliveiras foi um apocalipse abreviado que refletiu as ideias messiânicas judaicas que Marcos incorporou em seu evangelho. Concluiu-se no entanto, que embora existam semelhanças entre o discurso do Monte das Oliveiras e a linguagem apocalíptica tradicional, o texto de Marcos 13 não é um texto apocalíptico.

O texto analisado consiste em uma *parênese*. Não é um discurso de informações esotéricas, mas promover a fé e a obediência no tempo de aflição e convulsão social. Com uma profunda preocupação pastoral, Jesus prepara seus discípulos e a Igreja para um futuro período de perseguição.

Através da presente pesquisa, pode-se concluir o equívoco da escola de interpretação futurista, prioritariamente representada no evangelicalismo pelo dispensacionalismo.

Um dos perigos envolvidos e bem presentes são as implicações políticas da escatologia popular que atualmente são bem discerníveis. Os dispensacionalistas acreditam que o Estado judaico moderno faz parte do Reino messiânico de Jesus Cristo e é o precursor profético da conversão maciça do povo judeu. Outra afirmação popular do sistema é que o sacerdócio e o sistema sacrificial do Antigo Testamento serão restabelecidos por Cristo, como já dito anteriormente. Daí o surgimento de um "sionismo cristão" que defende, a qualquer custo, o moderno Israel diante da calamidade que sofre a nação Palestina. O evangelicalismo norte-americano, largamente influenciado pelo dispensacionalismo, despreza o direito dos palestinos.

Contudo, como foi visto na pesquisa, o discurso do Monte das Oliveiras se refere apenas a destruição de Jerusalém. As palavras de Jesus concernem somente aos eventos de sua geração.

Além disso, a Escritura é clara ao afirmar que não há nenhum favor especial divino para qualquer membro de qualquer grupo étnico; nem, à parte de Cristo, há qualquer promessa divina de uma pátria terrestre ou uma herança celestial para qualquer um, seja judeu ou gentio.

O reino do Deus continua na realização de sua plenitude na medida em que judeus e gentios crentes são adicionados à comunidade dos redimidos, a Igreja, em cada geração.

REFERÊNCIAS

- ALTHUSSER, Louis. *Aparelhos ideológicos de Estado*. Rio de Janeiro: Graal, 1998.
- BARCLAY, John M. G. *Jews in the Mediterranean diaspora: from alexander to trajan (323 BCE-177 BCE)*. Ediburg: T&T Clarck, 1996.
- BASÍLIO, Roberto. A linguística e a hermenêutica bíblica: diálogo e desafios para o intérprete do século 21. In: LOPES, Augustus Nicodemus. *A Bíblia e seus intérpretes*. São Paulo: Cultura Cristã, 2004.
- BIÉLER, André. *A força oculta dos Protestantes*. São Paulo: Cultura Cristã, 1999.
- BLOMBERG, Craig L. *Jesus e os Evangelhos: uma introdução ao estudo dos 4 evangelhos*. São Paulo: Vida Nova, 2009.
- BLOMBERG, Craig. *Jesus e os Evangelhos*. São Paulo: Vida Nova, 2009.
- BROWN, Raymond et al. *Comentário bíblico São Jerônimo: Novo Testamento e artigos sistemáticos*. São Paulo: Academia Cristã e Paulus, 2011.
- BULTMANN, Rudolph. *History of Synoptic Tradition*. Oxford: Blackwell, 1968.
- CARSON, D. A.; MOO, Douglas J.; MORRIS, Leon. *Introdução ao Novo Testamento*. São Paulo: Vida Nova, 2001.
- CARSON, D.A. & BEALE G.K. *Comentário do uso do Antigo Testamento no Novo Testamento*. São Paulo: Vida Nova, 2014.
- CHILTON, David. *El paraíso restaurado*. Tyler, TX, Dominion Press, 1999.
- COLANI, Timothée. *Jésus Christ et les croyances messianiques de son temps*. Strasbourg: Treuttel & Wurtz, 1864.
- COLINS, J. J. *The Jewish Apocalypses in apocalypse: the morfology of a genre (Semeia) 14*. 1979.
- CULLMANN, Oscar. *Cristologia no Novo Testamento*. São Paulo: Custom, 2002.
- DOOLEY, Robert A.; LEVISOHN, Stephen H. *Análise do discurso: conceitos básicos em linguística*. Petrópolis: Vozes, 2003.
- ELLIS, E. Earle. "How the New Testament uses the old", In: *New Testament Interpretation*. Ed. I. Howard Marshall. Exeter: Paternoster, 1977.
- EUSEBIUS. *The Ecclesiastical History*. vol. 2 Cambridge, Mass: Harvard University; London: W. Heinemann, 1998 (The Loeb Classical Library).
- FINLEY, Moses. *Aspectos da Antiguidade*. São Paulo: Martins Fontes, 1991.

- FRANCE, R. T. *The gospel of Mark: a commentary on the greek text*. Grand Rapids: Eerdmans, 2000.
- GABEL, John B. & WHEELER, Charles B. *A Bíblia como literatura*. São Paulo: Loyola, 1993.
- GENTRY, Kenneth. *Pós-milenarismo para leigos*. Brasília: Monergismo, 2014.
- GOODMAN, Martin. *A classe dirigente da Judéia: as origens da revolta judaica contra Roma, 66-70 d.C.* Rio de Janeiro: Imago, 1994.
- GRANT, Michael. *Herod, the great*. New York: American Heritage Press, 1971.
- HANKO, Ronald. *Doctrine according to godliness*. Reformed Publishing Association: Jenison, 2012.
- HARE, Douglas R. A. *The son of man tradition*. Minneapolis: Fortress, 1990.
- HATINA, Thomas R. *The focus of Mark 13:24-27: the parousia or the destruction of the Temple?* Bulletin for Biblical Research 6, 1996.
- HENDRICKSEN, William. *Comentário do Novo Testamento: Marcos*. São Paulo: Cultura Cristã, 2003.
- HENGEL, Martin. *Studies in gospel of Mark*. London: SCM, 1985.
- HOCKER, Morna D. *The son of man in Mark: study of the background of the term "son of man" and its use in st. mark's gospel*. London: SPCK, 1967.
- HOEKEMA, Anthony. *A Bíblia e o futuro*. São Paulo: Cultura Cristã, 2003.
- HURTADO, Larry W. *Senhor Jesus Cristo: devoção a Jesus no cristianismo primitivo*. São Paulo: Academia Cristã & Paulus, 2014.
- _____. *Summing up and concluding observations*. Disponível em: <<https://larryhurtado.files.wordpress.com/2010/07/son-of-man-hurtado.pdf>>. Acesso em: 06 mar. 2015.
- KIPPENBERG, Hans G. *Religião e formação de classes na antiga Judéia: estudo sociorreligioso sobre a relação entre tradição e evolução social*. São Paulo: Paulinas, 1988.
- KOCH, Klaus. *The Rediscovery of Apocalyptic*. London: SCM Press, 1972.
- KOESTER, Helmut. *Introdução ao Novo Testamento: história, cultura e religião no período helenístico*. V. 1. São Paulo: Paulus, 2005.
- KÖSTENBERGER, Andreas J.; PATTERSON, Richard D. *Convite à interpretação bíblica: a tríade hermenêutica*. São Paulo: Vida Nova, 2015.
- KÜMMEL, Werner G., *Introdução ao Novo Testamento*. São Paulo: Paulus, 2005.
- LADD, George Eldon. *Teologia do Novo Testamento*. São Paulo: Hagnos, 2003.

- LANE, William L. *The gospel according to Mark*. Grand Rapids: Eerdmans, 1974.
- LENSKI, R.C.H. *The interpretation of st. Mark's gospel*. Wartburg Press: Columbus, 1946.
- LOHSE, Eduard. *Contexto e ambiente do Novo Testamento*. São Paulo: Paulinas, 2004.
- MANSON, T. W. *O ensino de Jesus*. São Paulo: Aste, 1965.
- MILLAR, Fergus. *The Roman near east: 31 BC-AD 337*. Cambridge: Harvard University Press, 1996.
- MYERS, Ched. *O Evangelho de São Marcos*. São Paulo: Paulinas, 1992.
- ORLANDI, Eni P. *Análise do discurso: princípios & procedimentos*. Campinas: Pontes, 2001.
- OSWALT, John N. *Isaias: comentário do Antigo Testamento*. São Paulo: Cultura Cristã, 2011.
- PERRIN, Norman. *Rediscovering the teaching of Jesus*. New York: Harper & Row, 1967.
- PESCH, Rudolf. Futuro salvífico e futuro da salvação. In: SHREINER, Josef. & DAUTZENBERG, Gerhard. *Formas e exigências do Novo Testamento*. São Paulo: Teológica, 2004.
- SCHWEITZER, Albert. *A busca do Jesus Histórico*. São Paulo: Fonte Editorial, 2005.
- SCOFIELD, C. I. *Manejando bem a palavra da verdade*. São Paulo: Batista Regular, 1959.
- TACITUS. *Histories*. Trad. Clifford H. Moore. vol. 2. Cambridge, Mass: Harvard University; London: W. Heinemann, 1998 (The Loeb Classical Library).
- TAYLOR, Vicent. *The gospel according to st. Mark: The greek text with introduction, notes and indexes*. Grand Rapids: Baker, 1981.
- THIELMAN, Frank. *Teologia do Novo Testamento: uma abordagem canônica e sintética*. São Paulo: Shedd, 2007.
- VOLKMANN, Martin. *Jesus e o Templo*. São Leopoldo e São Paulo: Sinodal e Paulinas, 1992.
- VV.AA. *Flávio Josefo: Uma testemunha dos tempos dos Apóstolos*. São Paulo: Paulinas, 1986.
- WALLACE, Ronald. *Calvino, Genebra e a Reforma: um estudo sobre Calvino como um Reformador Social, Clérigo, Pastor e Teólogo*. São Paulo: Cultura Cristã, 2003.
- WEGNER, Uwe. *Exegese do Novo Testamento: manual de metodologia*. São Leopoldo: Sinodal, 2012.
- WEIFFENBACH, Wilhelm. *Der wiederkunftsgedanken Jesu: nach den synoptikern kritisch untersucht und dagegestellt*. Leipzig: Breitkopf and Hüertel, 1873.

WIERSBE, Warren W. *Comentário Bíblico expositivo: Novo Testamento. vol. 1. Santo André, SP: Geográfica, 2007.*